

A CASA DOS FUNDOS

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra

Título: A CASA DOS FUNDOS

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Thriller histórico / espionagem / história alternativa / suspense político-militar

Extensão: 305 páginas

Estágio de desenvolvimento: Pronta

Público-alvo: Leitores adultos de thriller histórico, espionagem, Segunda Guerra Mundial, história alternativa, suspense político e narrativas de ação.

Formato de exploração: Publicação literária e adaptação audiovisual.

2. Pitch

Em 4 de junho de 1940, no mesmo dia em que Winston Churchill deve proferir na Câmara dos Comuns um dos discursos decisivos da resistência britânica, agentes alemães infiltrados no Serviço Secreto tomam o Parlamento e fazem reféns o rei e o núcleo político e militar do Reino Unido. Encurralado no abrigo secreto de Downing Street 10, Churchill precisa escolher entre aceitar o ultimato de Hitler e declarar a rendição ou sustentar a resistência, arriscando a vida dos reféns. Enquanto Londres é fechada por uma operação clandestina, a Garden Girl Mary Prichard - datilógrafa reprovada pelo MI6 - e Henrique Prass, líder de um pequeno grupo de exilados brasileiros, avançam pelas galerias subterrâneas para impedir o golpe. No caminho está Anita Walken, a temida Lady Morte. A CASA DOS FUNDOS transforma um momento real e decisivo da Segunda Guerra Mundial em um thriller de história alternativa sobre coragem, infiltração, lealdade e a possibilidade de um único dia mudar o destino do mundo.

3. Sinopse

Ao meio-dia de 04 de junho de 1940, com a Chancelaria em Downing Street 10 e o Parlamento tomados de assalto por alemães infiltrados no Serviço Secreto britânico, Winston Churchill vê todo o núcleo real, político e militar do Reino Unido refém de agentes alemães.

Acuado em seu abrigo secreto, o primeiro-ministro tem diante de si duas opções: aceitar o audacioso golpe de Hitler e declarar a rendição; ou seguir em frente e proferir o discurso de resistência, pondo em risco as vidas do rei e dos parlamentares presos na Câmara dos Comuns.

Agindo nas galerias subterrâneas de Londres, aparentemente talvez a única esperança da Inglaterra esteja nas mãos e na coragem da Garden Girl Mary Prichard, uma datilógrafa reprovada pelo MI6 por transtornos bipolares, e de Henrique Prass, líder do pequeno grupo de exilados brasileiros fugitivos do regime de Getúlio Vargas, para evitar o colapso do mundo ocidental, e que Churchill sucumba pelo punhal “solução final”, da perigosa agente Anita Walken, conhecida por Lady Morte.

4. Diferenciais e posicionamento

- História alternativa ancorada em um dia real. A trama concentra sua crise em 4 de junho de 1940, data do histórico discurso de Churchill, e constrói a partir daí uma operação ficcional capaz de alterar o curso da guerra.
- Conspiração dentro do coração do poder britânico. Downing Street 10, Parlamento, Serviço Secreto, bunkers e galerias subterrâneas transformam instituições e espaços reconhecíveis em cenário de cerco e infiltração.
- Protagonismo feminino de ação. Mary Prichard, Garden Girl e datilógrafa, deixa a função aparentemente secundária para tornar-se peça decisiva na proteção de Churchill e na resistência ao golpe.
- Conexão brasileira incomum. Henrique Prass e os exilados brasileiros ampliam o alcance da narrativa e inserem personagens ligados ao contexto político do Estado Novo em uma crise internacional.
- Antagonismo de forte identidade. Anita Walken, Lady Morte, funciona como ameaça pessoal e operacional, concentrando a dimensão letal da conspiração.

- Conflito moral de alto impacto. Churchill não enfrenta apenas uma batalha militar: precisa decidir entre a rendição e a manutenção da resistência quando a vida do rei e de parlamentares é usada como instrumento de pressão.

5. Potencial editorial e comercial

A CASA DOS FUNDOS combina personagens históricos de reconhecimento imediato, suspense de espionagem e uma hipótese contrafactual de comunicação simples: e se, no dia de um dos discursos mais importantes de Churchill, uma operação nazista tivesse capturado o centro do poder britânico? A premissa permite entrada rápida do leitor e sustenta uma narrativa de ação em 305 páginas, com forte apelo para públicos interessados em Segunda Guerra Mundial, conspirações, operações secretas e história alternativa.

O romance explora a tensão entre fatos conhecidos e possibilidades ficcionais, usando Winston Churchill, o contexto da resistência britânica e a infiltração inimiga como motores de suspense. A presença das Garden Girls, dos exilados brasileiros e das galerias subterrâneas de Londres cria diferenciação dentro de um segmento editorial já consolidado e favorece divulgação por personagens, lugares e acontecimentos históricos reconhecíveis.

6. Potencial de adaptação audiovisual

- Unidade temporal e urgência. A operação se desenvolve em torno de um dia decisivo, favorecendo ritmo de thriller e progressão em contagem regressiva.
- Cenários cinematográficos. Downing Street, Parlamento, Big Ben, bunkers, passagens secretas, galerias subterrâneas e uma Londres sob ameaça aérea oferecem identidade visual imediata.
- Personagens de alto contraste. Churchill, Mary Prichard, Henrique Prass e Lady Morte permitem alternar liderança política, ação clandestina, resistência e antagonismo.
- Ação e espionagem. Infiltrações, tiroteios, perseguições, transmissões, códigos, reféns e deslocamentos subterrâneos fornecem set pieces naturais para cinema ou televisão.
- Base histórica reconhecível. O espectador entra por Churchill e pela Segunda Guerra Mundial, enquanto a história alternativa introduz surpresa e liberdade dramática.
- Formato. A concentração da crise favorece longa-metragem de thriller histórico, enquanto a multiplicidade de personagens e frentes de ação também comporta minissérie ou série limitada.

7. Público-alvo

Leitores e espectadores adultos interessados em Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill, thriller histórico, espionagem, conspirações políticas, história alternativa, operações clandestinas e narrativas de ação baseadas na combinação entre personagens reais e acontecimentos ficcionais.

8. Sobre o autor

Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de Salvador e Mentos Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas

- Crônicas e Contos que a Bahia Conta
- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Prólogo ao Capítulo 8

JUVÊNCIO MARINS



PRÓLOGO

A operação

‘Olho da Coruja’

Downing Street, nº 10, em 04 de junho de 1940

Horário: 12:00hs

AO MEIO-DIA, WINSTON CHURCHILL SENTIA-SE COMO UM VELHO cruzador ladeado por barcos patrulheiros, enquanto caminhava pelo salão Terracota, sob o olhar de dois robustos agentes do Serviço Secreto que o acompanhavam. Ele bafou e mirou o retrato de entronização de Jorge II, pensando no que ele diria se visse o estado em que estava o imóvel oferecido a Robert Walpole, em gratidão pelos seus serviços à nação, repleto de sacos de areia e proteções contra bombas.

Ele ultrapassou a sala Colunada e dobrou à direita, em direção ao abrigo. Usava o característico terno de listras, e parecia pouco confortável com as notícias provenientes do continente americano. Naquele mesmo dia, Joseph Patrick Kennedy 2 lhe comunicou a intenção do presidente Franklin Roosevelt de manter a América longe do conflito. Churchill havia telefonado duas vezes para Roosevelt no dia anterior, recebendo evasivas e promessas de mais apoio logístico. Nada além disso.

- Enquanto nossa sociedade ainda pode caminhar pelos campos nos finais de semana; Hitler, nos mesmos finais de semana, invade campos por toda Europa. A essa hora ele esfrega as mãos, pronto para iniciar a invasão da ilha, e conseguir o que mais ninguém logrou êxito desde os tempos de Roma. O que mais precisa ocorrer para que o Novo Mundo possa socorrer o Velho?

2 Embaixador no Reino Unido de 1938 até outubro de 1940. Foi também pai do ex-presidente norte-americano John F. Kennedy.

- Quando surgir no horizonte uma linha perigosa – respondeu-lhe Roosevelt.

Franklin Delano Roosevelt nasceu em Nova Iorque, em 1882. Frequentou a conceituada Universidade de Harvard e se formou em Direito pela Universidade de Columbia. Roosevelt deixou de lado a advocacia para ingressar na vida política, e assim, foi eleito senador democrata por Nova Iorque, em 1910. Aos 39 anos foi acometido por uma poliomielite, o que não o impediu de eleger-se presidente em 1932. Ainda sob os ecos sombrios da Grande Depressão, o cenário que Roosevelt encontrou nos Estados Unidos era desencorajador. Eram mais de 13 milhões de desempregados e a economia estava destrocada. Reeleito em 1936, ajustou o país, mas os receios do eleitorado quanto às questões beligerantes na Europa, não o entusiasmavam para tanto.

O presidente dera pistas suficientes de que seria difícil interferir sem uma motivação gigantesca, capaz de mover a opinião pública norte-americana para apoiar o ingresso do seu país na guerra entre o Reino Unido e a Alemanha. A presença do seu embaixador em Downing Street, mostrou a Churchill, àquela altura, que a América tinha perdido a confiança nele e no seu Gabinete.

O primeiro-ministro compreendeu a mensagem inserta nas palavras de Roosevelt e lembrou-se dela quando ditou, logo cedo, para a datilógrafa Mary Prichard, o trecho final do seu discurso. Seu Secretário, John Colville, fez a revisão, em pé, olhando de vez em quando para o rosto amarrotado de Churchill, envolto na espessa fumaça do charuto, e concluiu que talvez fossem os termos que faltavam para finalmente os Estados Unidos entrarem naquele que era, até então, tido como mais um conflito europeu.

Churchill parou ao alcançar o vão de acesso à sala de estar. Olhou de lado para as mesas de mogno, com a longa sequência de cadeiras de encosto alto, e mirou outro retrato de Jorge II, feito por John Shackleton, pouco acima da lareira de tijolos escuros e da poltrona de couro marrom, onde ele repousou durante a madrugada.

Tragou e soltou a fumaça em bolas, sacudindo a cabeça. Depois, ele seguiu pelo corredor repleto de molduras, espelhos e castiçais sobre móveis seiscentistas. Próximo das janelas, cruzou com os gabinetes das Garden Girls³, refrescando-se com o ar que vinha do jardim. Aquele trecho da Chancelaria era normalmente movimentado, mas estava surpreendentemente vazio. Encontrou Mary Prichard, parada antes do acesso à

3 Grupamento de elite composto por mulheres treinadas pelo Serviço Secreto. Funcionavam como datilografas, e tinham entre os seus muitos deveres, também, a segurança do primeiro-ministro.

escada do abrigo, diante da porta aberta de uma sala, que tinha um sino conectado a um fio, e estava apinhada de máquinas de escrever, telégrafos, telefones, equipamentos de medidas, estantes com livros e quadros com mapas.

Ela o deteve antes mesmo que ele fizesse a curva; e, sem tirar os olhos dos agentes do Serviço Secreto, disse:

- Senhor, é necessário rever o rascunho.

Churchill fechou o semblante. Fixou o olhar no dela e em seguida percorreu seu corpo. Mary parecia ter vindo de um enterro. Ela repetiu:

- É necessário rever o rascunho.

Ele estendeu o braço.

- John? Onde ele está? – Churchill disse, referindo-se a John Colville.

- O Secretário telefonou pedindo que o avisasse – observou ela, com as mãos para trás. Mary vestia blusa bege e usava uma saia com bolsos até os joelhos.

Churchill abriu os braços e deu um giro para focar os rostos dos acompanhantes. Os homens afastaram-se, recostando-se no papel da parede. Mais adiante, na outra ponta do extenso vão, outro par de agentes surgiu. Um deles, de cabelos ondulados, olhava como um tigre para o primeiro-ministro. Churchill bafou profusamente, coçou a bengala e mexeu no chapéu, meneando o pescoço ao voltar-se para Mary.

- Sempre será necessário rever o rascunho – confirmou. Na verdade, sinalizava a resposta à senha que tinha com as Garden Girls.

No instante seguinte, os homens sacaram as pistolas, copiados pelos outros dois. Mary agiu mais rápida do que o quarteto. Inclinou-se para a frente, sob a luz das lâmpadas dos archotes, que iluminaram seu rosto concentrado e iniciou. Os dois homens encostaram-se nas paredes na extremidade oposta da porta do gabinete. Seus paletós escuros estavam abertos, com os coldres visíveis.

Mary empurrou Churchill para o lado, e sacou a pistola automática da saia. O primeiro-ministro bateu as costas na parede e girou sobre um vaso grande, largando a bengala e o chapéu. Ela saltou sobre ele, enlaçou as pernas na sua barriga e atirou contra os agentes. Os dois desabaram, enquanto Mary dobrava o corpo para trás e para baixo, e

atirava, de ponta cabeça, contra os outros dois. Ela se moveu, sem abaixar as armas, certificando-se que os quatro estavam imóveis.

- A Câmara dos Comuns foi invadida. Todos os que estavam lá estão sob a mira de agentes inimigos – comunicou.

Os olhos de Churchill agigantaram-se, e ele respirava com dificuldade, deitado no piso, sob o peso dela.

- Não é possível!

- Inclusive o rei – Mary completou.

- John era para estar lá.

- Ele foi avisado quando desceu em Whitewall. O perímetro agora está cercado. Há bloqueios em Westminster Bridge, com todos os acessos controlados.

Churchill mordeu parte do charuto, irritado. Downing Street e o Palácio de Westminster sitiados, impossível para o senso comum. Antes disso, a mais famosa tentativa de abrir uma brecha na segurança do palácio foi a Conspiração da Pólvora, levada a cabo por católicos romanos, que colocaram explosivos nas criptas do subsolo, e pretendiam detoná-los durante a abertura solene do Parlamento. Se isso tivesse acontecido, teriam matado o protestante Jaime I, a sua família e a maior parte da aristocracia. Mas, isso foi em 1605.

- Como foi possível?

Mary conferiu as pistolas e respondeu:

- Agentes nossos em conluio com outros do Serviço Secreto nazista, infiltrados. Agiram rápidos, dominaram todo o prédio, e ativaram o sistema de rádio, para transmitirem o ultimato de Hitler.

- Que seria?

- A declaração da rendição do Reino Unido até o final da tarde, em troca dos reféns.

Churchill estava incrédulo, com os olhos fixos em Mary. Suas bochechas estavam infladas e ele parecia prestes a ter uma convulsão. Não fosse a senha, naquele momento estaria preso ou talvez morto. Depois que se despediu de John Colville, ele permaneceu o restante da manhã na biblioteca, com o pensamento no alcance político e estratégico

do discurso da tarde. Seguiria para a Câmara dos Comuns, e deixaria Downing Street, pela pesada porta de madeira escura, de onde acenaria para a multidão.

Ele admitia ser o seu mais importante discurso, desde o retorno à condição de Chefe do Governo britânico, no mês anterior. O rei, George VI, estaria presente junto com expressivo número de parlamentares. Contudo, enquanto a Grã-Bretanha, e seus aliados da Commonwealth⁴, limpavam as feridas provocadas pela inusitada fuga das suas centenas de milhares de soldados, por Dunquerque, Adolf Hitler promovia o seu mais audacioso golpe, capaz de colocar em xeque-mate o Governo do Reino Unido, e eliminar o último grande obstáculo no seu caminho de dominação completa da Europa, após ocupar a França.

- Que ousadia! – disse, resfolegado.

O rosto de Mary ficou vermelho.

- Desculpe – disse em resposta, saindo de cima dele.

Ela esticou o braço e o ajudou. Churchill agradeceu.

- Perdoe a minha atitude, senhor – disse Mary, ainda rosada ao vê-lo limpar o paletó.

Ele bateu no ombro dela e caminhou, acompanhando o seu passo acelerado:

- Não me refiro a você. A ousadia é dos alemães.

Apesar da tensão, ele olhou nos olhos dela, inspirou e disse:

- Agradeço a Deus todos os dias. Um homem de sessenta e cinco anos como eu, dispor de um cargo que possibilita ter datilógrafas que lhe salvam a vida.

Houve uma pausa. Ele se virou para o outro lado:

- Onde estão todos, afinal?

- O abrigo principal está comprometido. Preciso levá-lo para o bunker no subsolo da casa dos fundos. Só existe um caminho disponível para lá, depois que bloqueei eletronicamente o acesso interno, e sei como chegar até ele.

- Temos documentos importantes no Gabinete de Guerra.

⁴ Associação voluntária de 53 estados soberanos. A maioria deles de ex-colônias britânicas, com exceção de Moçambique (antiga colônia portuguesa) e Ruanda, que aderiu em 29 de novembro de 2009.

- Infelizmente, senhor.

- Existe como desativarem o bloqueio interno e invadirem o bunker?

- Não. Uma vez acionado, ele se autodestrói. Existe um sistema de portas duplas de aço reguladas por alta pressão, que libera hidrogênio caso seja invadido.

- E se usarem explosivos?

- Todo o prédio desabaria. Aliás, todo o quarteirão.

- E acha que eles se importam?

Ela fez que sim.

- Acredite, eles se importam. Querem o senhor vivo.

- Recordo-me que algo semelhante aconteceu na época de Napoleão, com seu maldito bloqueio continental, que supostamente teria infiltrado agentes da Inteligência Militar francesa em Downing Street. Pura mentira. Ninguém deu crédito e terminou servindo mais como lenda do que como um fato real.

- As lendas também saem das mentes das pessoas, assim como planos como esse.

Churchill retrucaria, mas silenciou ao ouvir novos disparos, gritos e explosões. Houve uma correria e apareceu um novo grupo, liderado por um homem de rosto magro, nariz grande e cabelos grisalhos. A luz atingiu seus óculos e os transformou em espelhos foscos, ampliando a face larga. Do lado direito dele estavam dois cadáveres, cujos braços ele afastou com o pé, enquanto caminhava. Seu nome era Oliver Mezingër, um dos chefes da operação em curso.

A partir de 1936, no período dos jogos olímpicos de Berlim, ele e dezenas de agentes da Gestapo e das SS, imigraram para a Irlanda, o País de Gales e a Inglaterra, através da Suécia e da Noruega. Era o primeiro turno do plano. Nesse ínterim, infiltraram-se no país, subornaram agentes do Serviço Secreto e cooptaram cidadãos britânicos, enquanto passavam por meros empregados de corporações norueguesas ou instituições ambientais da Dinamarca, hibernando até o momento apropriado.

Apesar de algumas ocorrências políticas entre o Reich e o Governo do Reino Unido, as duas nações mantinham relações diplomáticas absolutamente normais, e ninguém via como anormal o ingresso de alemães no território britânico. Poucas vozes eram contra,

inclusive a do próprio Churchill, que advertiu o Real Secretariado de Imigração, sob o Governo do então primeiro-ministro Stanley Baldwin, para ser mais rigoroso com a entrada de germânicos no país. Churchill não teve sucesso, e seria muito pouco provável que conseguisse.

Ainda assim, Churchill insistiu nos anos seguintes, principalmente em 1938, durante a crise dos Sudetos, quando Neville Chamberlain, sucessor de Baldwin, achou que o ridicularizaria, ao sacudir diante de Downing Street, o termo de paz firmado com Hitler, em Munique. O mundo parecia rendido ao carisma do líder nazista. Até mesmo a influente revista semanal norte-americana Time Magazine tinha escolhido o Führer como o Homem do Ano, cinco anos após ele ter assumido a Chancelaria alemã, sob a promessa de construir um Reich para durar mil anos.

Até antes de 1939, ninguém apostaria uma moeda e nem levaria a sério a ideia de que Hitler e Stalin promoveriam um pacto de não-agressão. Muitos, a exemplo de Chamberlain, viam em Hitler mais um ditador que dera a sorte de retirar a Alemanha do fundo do poço, soerguendo sua economia, e que buscava apenas recuperar territórios secularmente legítimos, sequestrados pelo Tratado de Versalhes.

Oliver Mezingër tinha um riso sinistro quando olhou para Churchill, que sentiu chamas malignas saltarem daqueles globos. Mary Prichard notou que ele usava uma pistola Walther 38, que possuía uma alavanca de decoking e um sistema de gatilho DA/AS, o que a tornava fácil e segura de carregar. Ou seja: ele podia disparar duas vezes mais rápido do que a arma canadense que ela usava, porque o ciclo de descarregamento repetia a ação, o que significava que os tiros seguintes seriam todos automáticos. Oliver ergueu devagar a pistola, avaliou a Garden Girl, e usou um tom tipicamente pouco inglês para avisar:

- Chegou o momento de nos acompanhar.

Mary sussurrou no ouvido de Churchill:

- Seja meu escudo. Lembre-se que eles o querem vivo.

Ela o abraçou, escondendo-se atrás do seu corpo, com a pistola voltada para os agentes. Mezingër olhou para o ruivo ao lado dele, tossiu e fez um gesto negativo com a cabeça.

- Seu pessoal está inativo – avisou.

- Nem todos – desafiou Mary, disparando.

Não houve revide. Ela estava certa. Eles temiam atingir o primeiro-ministro. Ela puxou Churchill, correndo com ele na direção contrária. Não foram para os jardins, onde ficariam expostos. Em vez disso, deram meia-volta, e seguiram para a sala de Jantar e Aparato, por onde ela pretendia alcançar a cozinha abobadada.

- Espere, está indo muito rápida! – Churchill gritou, ajeitando o paletó.

- Se alcançarmos a cozinha, usaremos a passagem Corvyn.

Ele fez um gesto irrequieto.

- Isso é um mito. Não existe. Eu mesmo ordenei uma varredura, quando estive no Almirantado. Nada foi descoberto, além de sótãos, porões, prisões e adegas cheias de passagens para os tuneis, as catacumbas e as criptas – disse.

Mary elevou discretamente o canto da boca, e falou:

- Também é lenda que as datilógrafas de Downing Street sejam agentes do MI6?

- Eu pensei que você fosse, pelo menos foi isso que John me disse.

Ela fez um gesto e sacudiu a cabeça para responder:

- Fui reprovada.

Churchill conhecia a verdade sobre ela, mas não perdeu a oportunidade para retrucar, enquanto desviava de uma escrivaninha e uma pilha de sacos de areia:

- Bom Deus! A minha vida depende de uma agente reprovada?

Mary balançou a cabeça incapaz de falar. Em seguida, ela ajoelhou-se, recarregou a arma e disparou contra as luminárias, que espatifaram no chão no exato momento que os nazistas cruzaram o corredor, turvando tudo em volta. Os olhos de Churchill se arregalaram, quando ela retirou dois objetos de dentro da roupa.

- Você não vai fazer isso, vai?

Ela preferiu responder depois da ação. Mary acionou e arremessou a primeira granada contra a coluna à esquerda. Ele corou. Ela repetiu o ato e lançou a outra na parede do acesso. Depois, puxou o primeiro-ministro e correu no sentido contrário; mas, antes, ele virou-se e viu que havia um buraco enorme no piso e uma pilha de escombros.

As explosões surtiram o efeito esperado, paralisaram os adversários e derrubaram parte da parede e da coluna. Ela viu silhuetas e jogou Churchill no chão, caindo para o outro lado. Houve troca de tiros, e a Garden Girl conseguiu atingir as pernas de dois adversários que superaram a fumaça e a poeira. Mary olhou para um relógio na parede ao lado. Precisava agir rápido, pois o tempo escasseava e necessitava alcançar a passagem e livrar Churchill de ser capturado.

Os dois homens dispararam outra vez a esmo, e ela deslizou sobre um armário, protegendo-se debaixo de uma bancada de metal. Rapidamente, Mary verificou quantas balas tinha e ficou em silêncio para ouvir os passos deles. Os agentes seguiram para os lados. Mancavam e agora ela os distinguia perfeitamente no meio da poeira. Ela pegou um grande bloco de notas e o jogou para o lado contrário. Com a atenção atraída para aquele ponto, os dois iniciaram nova sequência de tiros, todos inúteis. Ela se deslocou e se ergueu com um grito. Quando eles giraram, Mary não lhes deu tempo para reação e efetuou disparos certos em suas cabeças.

Com isso, ela voltou até o primeiro-ministro, que estava deitado no chão, e o puxou pelo braço com força.

- Entre aqui – ordenou, limpando a poeira do rosto dele.

Churchill olhou assustado para a tampa de ferro escuro. Era o acesso ao elevador condutor das sobras da cozinha.

- Olhe para mim. Acha que vou caber aí dentro?

Ela não respondeu e destravou a portinhola. O interior estava vazio e exalava cheiro de comida estragada.

- Entra! – Mary disse, e o empurrou, enquanto seus olhos percorriam a cozinha.

Com resmungos, ele apoiou-se na palma da mão dela, usada como alavanca. Churchill gritou ao bater o rosto na lâmina de ferro.

- Isso aqui está mais sujo do que a ficha de Hitler! – Churchill esbravejou.

Mary fez o mesmo e deslizou para dentro, quando outros agentes nazistas apareceram. Tinha muita poeira em volta e as luzes estavam apagadas. Sem barulho, ela acionou outra granada e a rolou para baixo dos painéis, enquanto movia o pé para ligar o elevador, segundos antes da explosão, sob o rumor dos gritos de Oliver Mezinguer.

O elevador desceu veloz entre as paredes de tijolos, sacudindo-se com o peso dos passageiros. Um estrondo finalizou a curta viagem e Churchill escorregou para fora no momento seguinte. Mary Prichard saiu e trancou o acesso ao lado. O primeiro-ministro bufava. As manchas de lixo não eram suficientes para esconderem o rubor em sua face.

- Bem, vamos à tal passagem. Em todos esses anos sempre acreditei ser uma lenda do século XIX, criada por Lord Steven Kintley.

- Estamos sobre ela, senhor. O Serviço Secreto a redescobriu durante a reforma de 1926, mas preferiu mantê-la em segredo, munindo-a com todos os equipamentos necessários a um bunker, inclusive sistema de transmissão por rádio integrado à BBC. Reorganizamos o segundo abrigo, que hoje está totalmente autossuficiente, contando com sistemas de filtros de ar, condensação de alta pressão para o caso de gases e completa autonomia para radiotransmissores e comunicações. Parte do pessoal da cozinha pertence ao Serviço Secreto, exatamente para manter o sigilo sobre o lugar. O Secretário Colville conhece todos os detalhes – respondeu Mary, empurrando para o lado um armário com a ajuda dele. Depois retirou, com os pés, restos de lixo, sacos e garrafas de cerveja e vinho.

- John sempre tem segredos. Ele sabe que detesto bunkers. Mas, se for assim, vamos ver. Lembre-me para rever os conceitos do Serviço Secreto. Agentes acostumados com armas fazendo o meu almoço. Agora eu sei porque o cardápio está tão ruim.

Churchill silenciou e coçou a cabeça. Mary abaixou-se, puxou a alça escondida, e desprendeu os cabelos, que caíram até os ombros. Deu alguns giros no metal, parando ao ouvir um chiado. O primeiro-ministro abriu bem os olhos e moveu a cabeça.

- Por aqui.

- Ora, ora – disse ele, limpando a testa com o lenço bordado da lapela.

Mary adiantou-se:

- Vamos, eu o ajudo.

- Sem problemas, garota.

Terminada a descida, Mary localizou uma lanterna numa estante, onde recolheu um objeto retangular com um relógio na tampa. Estava escuro e ela entregou a lanterna ao primeiro-ministro e tornou a subir a escada.

- Que vai fazer?

Ela não respondeu. Fechou a tampa por dentro com uma trava de aço e prendeu o objeto na parede, ao alcançar a metade do percurso, programando o detonador. Dessa vez, desceu o resto da escada aos pulos.

- Temos menos de dois minutos – disse.

Churchill estava com os olhos indignados:

- George Downing mandaria enforcá-la, caso visse o seu trabalho demolidor.

Ela pegou a lanterna e caminhou mais apressada, seguida por ele. Após duas curvas, ele parou, abaixou-se ao sinal dela e tapou os ouvidos. A violenta explosão estremeceu as paredes e produziu muita poeira e destroços, e por um momento Churchill temeu que o imóvel desabasse inteiramente.

- Acho que isso ajudará – disse Mary, retomando a marcha com a lanterna em punho.

Winston Churchill agitou a poeira da roupa, segurou no braço dela e murmurou:

- A propósito, que minha esposa Clementine jamais venha a saber que uma moça de vinte e poucos anos montou literalmente em mim...

Ela olhou para ele e voltou-se. Apesar do momento, aquele experimentado homem mantinha o reconhecido estado de espírito. Mary temia somente que por trás das palavras e dos comentários que ele fazia, existisse um poço escuro e sem fim, repleto de dúvidas e incertezas sobre como agir ante o audacioso plano de Adolf Hitler. Alcançaram uma bifurcação.

- Aquele é o túnel que vem da parte interna. Esse daqui leva à passagem Corvyn.

Churchill concordou. Não era lenda.

- Mary, quem reprovou você não devia ter o juízo perfeito. Você é a melhor agente que conheço – disse Churchill caminhando.

As palavras do primeiro-ministro inflaram sua autoconfiança, e ela olhou para os próprios pés por um momento, enquanto caminhavam. Depois, agradecida e satisfeita com o resultado do seu trabalho, seguiu com ele para a casamata, com um milhão de recordações transitando dentro da sua mente.

PARTE UM

“O dia dos valentes”

CAPÍTULO 1

Mary Prichard

Westminster

Dois dias antes

ERA NOITE E MARY PRICHARD ANDAVA COMO SE FOSSE ROBÔ. HAVIA deixado o Parlamento para trás e avançava ao largo da Westminster Bridge, sem se preocupar com o horário e tampouco com as sirenes de aviso. As ruas estavam escuras, com escassas luzes dos veículos que passavam apressados, e isso para ela era normal. Aliás, o mundo inteiro era normal, ela pensava. Talvez a única forma de vida fora da normalidade em todo o planeta fosse ela, e isso a torturava.

Ela jogou o corpo no banco de madeira e abaixou a cabeça. A bolsa aberta virou para o lado, deixando um espelho e um envelope pardo aparecerem. Ela olhou para o envelope e desviou o olhar para o Big Ben, e do monumento virou-se para a margem do Tâmesa.

Mary pegou o espelho e encarou-se, mostrando-se desapontada consigo mesma, embora não realmente surpresa com isso. O que, em verdade, existia de errado com ela? Era bonita, e isso era quase sempre reparado pelos colegas. Era inteligente, algo que a destacava entre as demais Garden Girls, a maioria apta mais para o repetitivo labor, do que para elaborar estratégias, além de atender telefones, datilografar ou colaborar na decifração de códigos.

Era o que mais? Alguém que aguçava a imaginação dos colegas masculinos? O que de melhor existia nela? Os seus cabelos, quase sempre escapando pelo lenço? O nariz grande e um pouco recurvado, que a denunciava, mas a fazia sutilmente sedutora? Aquele modo confiante e um tanto masculino de caminhar, que impunha firmeza? A sua

boca carnuda, a cintura fina ou o seu corpo magro emoldurado pelos protuberantes e rígidos seios, sempre observados pelos homens onde quer que fosse?

Ela guardou o espelho e sacudiu pesarosamente a cabeça, subjugada ao sentimento depressivo que invadia seus pensamentos. Olhou em volta. Não havia ninguém próximo na paisagem de sacos escuros encostados em tripés, formando silhuetas tremeluzentes sob o brilho da lua, que buscava vencer os blocos de nuvens.

Mary pegou o envelope e retirou a folha de papel de dentro. Havia, também, a foto dela com um homem, uma outra foto dele sozinho e um lápis. O rosto masculino da fotografia parecia sorrir, embora fosse uma foto comum, para uso em documentos. Em seguida, ela esfregou o dedo no papel; na verdade, outro relatório, como tantos recebidos anteriormente, contendo a razão da sua desesperança e do seu abatimento.

- Infelizmente não foi diferente – disse-lhe três horas antes Peter Flynt, o homem da foto, seu namorado há algum tempo, e agente do MI6, lotado no Gabinete de Defesa, sediado no Parlamento.

- Isso não!

- Veja pelo lado positivo, você não estará em campo.

- Quero muito mais do que uma máquina de datilografia.

Ao cruzar o olhar com o dele, seus olhos estavam marejados. Ela o conhecia há quase um ano. Peter era arguto e se destacava entre os cadetes do Serviço Secreto. John Colville tomou conhecimento disso e o indicou para o Gabinete de Defesa do Palácio de Westminster, ainda na gestão de Neville Chamberlain. Ela pouco sabia sobre seu passado. Dizia-se que ele era filho único, que veio de Oxford, e que passou a adolescência entre a Dinamarca e a Suécia. Peter falava fluentemente o francês, o dinamarquês e o alemão, e tinha profundos conhecimentos sobre armas e estratégia.

Peter a encantou imediatamente quando se conheceram. Mary sentia-se desajeitada demais para ele, que andava sempre elegante e com um sorriso pronto. Ela ansiava para ser sempre amável com ele e fazê-lo feliz. Ele foi somente seu segundo homem, na acepção carnal da palavra, ela o amava e sentia-se completa com ele. Sua primeira vez com ele foi nas ruínas de um castelo, perto do rio Ouse. Era madrugada, e estavam perto de

York, quando o carro apresentou problemas, em North Yorkshire. Decidiram seguir a pé, e foram surpreendidos por um temporal. A falta de opções os levou até as ruínas,

onde existia um telhado parcialmente recuperado pela associação de moradores, que mantinha o lugar como ponto de referência turística.

O castelo fora construído com uma mistura de tijolos e pedras, e algumas paredes ainda resistiam. Paredes e arcos, por onde, num passado distante, certamente, homens e mulheres admiraram apaixonados o reflexo das águas do rio, quando fazia a curva na base das colinas. Logo cedo, Peter a despertou com um beijo caloroso. Mary segurou seu rosto com as mãos, sentindo com a ponta dos dedos cada centímetro da sua pele, querendo provar a si mesma que ele era real, que aquela não era uma cena imaginária, com que sonhara incontáveis vezes.

Foi a melhor relação que tiveram. Ela sentia-se esmagada pelas recordações. Os beijos. Repetidos e ternos, que logo passaram a ser ávidos e penetrantes. As carícias gentis tornaram-se mais exigentes. Um minuto depois, as suas pernas se afastaram. Ela estava arriada, puxando-o junto. Lambeu o pescoço dele, sugou-lhe os lábios. Mordiscou os lados de suas orelhas. Ficou surpresa com a ereção de Peter, apertada entre as pernas; Mary abriu a braguilha dele, para senti-lo direito, enquanto ele retirava sua saia, com as mãos escorregando sob suas roupas íntimas, e seus grandes seios.

Mary soluçou. Ela sentia que o amor dele tinha um jeito único de ser. Que apenas ele sabia como lhe beijar os seios, lhe tocar no ventre. Que somente ele conseguia desfrutar do seu corpo. Completamente molhada, era a única testemunha do bem que ele lhe proporcionava, sem rodeios. Ela abriu-se por inteiro. Impaciente, rompeu o abraço o tempo suficiente para arrancar a calcinha e pô-la ao lado, puxando-o voluptuosamente para cima do seu corpo muito esguio. Seus grandes seios estavam tão firmes que pareciam almofadas duras. Ao ser penetrada, Mary fechou os olhos e girou o pescoço. Puxou-o com os braços e as pernas, como se pretendesse unir-se a ele, colando os seus seios no peito dele, a sua face no seu pescoço másculo, insaciavelmente possuída com o contato. O prazer que adveio foi descomunal. Começou pequeno, cresceu, apossando-se de cada centímetro do seu corpo, e explodiu. Ficaram abraçados por um tempo enorme, e quando se vestiram e retomaram a caminhada, Mary teve a certeza que aquele era o seu homem. Queria ser a mulher dele. Ter filhos e um futuro com Peter.

O seu Peter. O mesmo homem que buscava confortá-la, quando mais uma vez viu desabar o castelo do sonho de fazer parte do MI6. Ela acreditou, entristecida, que não a desejavam lá. Enfim, ela inspirou, fechou e abriu os olhos, e disse:

- Sou uma pessoa normal, Peter. Eles não podem simplesmente decidir dessa maneira.

Peter produziu um sorriso confortador e disse:

- A ciência evoluiu muito nesse sentido.

- Não consigo acreditar nisso.

- Compreenda que seu perfil psiquiátrico não permite que assuma atividades que envolvam pressão ou emoção forte. Não imagino como lidaria com essas coisas quando realmente fosse preciso.

- Acha que sou louca?

Ele a segurou pelos braços, puxou-a para o interior da sala, e a encostou num espelho grande e retangular.

- Claro que não. Você tem transtorno maníaco-depressivo⁵, Mary. Com essas variações acentuadas do humor, com essas crises de depressão e suas manias.

- Você acha que sou incapaz!

Ele afagou o seu rosto para acalmá-la.

- Deixe o tempo passar. Existem mulheres como você por aí, com os mesmos problemas.

Mary limpou as lágrimas no rosto, enquanto a brisa do rio mexia nos seus cabelos.

“Mulheres como eu” – pensou.

- Beethoven era tão transtornado quanto eu – murmurou.

Ergueu-se e olhou para a ponte, que se assemelhava a um comprido dinossauro, sob o piscar das luzes dos carros, que desviavam e seguiam por Whitewall, e pelos holofotes militares, que vasculhavam o céu em busca das aeronaves da Luftwaffe.

Viu um vulto masculino perto da margem do Tâmesa, parado junto de um monturo com sacos e rolos de arame farpado. Ela sentou novamente. A lua sumiu, e os carros também. Breu profundo. Mary olhou o relógio, e se deu conta que vagava há horas.

5 O Transtorno Bipolar de Humor, antes conhecido como transtorno maníaco-depressivo, é caracterizado por alterações de humor que se manifestam como períodos de disposição e humor elevados e períodos de depressão.

Tornou a olhar para baixo e não viu mais o vulto. Segundos depois ele reapareceu, saindo de trás de um container. Ele olhava para os lados e caminhava apressado. Ele olhou na direção dela. Mary se abaixou entre os sacos de areia e deslocou-se para a esquerda. Então, ele se abaixou, movimentou os braços e sumiu.

Ela balançou a cabeça, girou o corpo e olhou em volta. Talvez a escuridão. Talvez ele ainda estivesse abaixado; mas não, tinha desaparecido completamente, como se não existisse. Mary duvidou que tivesse avaliado errado. Decidida, e sem o menor resquício de temor, resolveu certificar-se. Segurou-se no parapeito e passou por baixo do gradil. Amparada numa corrente, escorou-se, caminhando devagar, até alcançar os troncos encurvados de árvores antigas. Próximo delas, havia um espaço cheio de capim, cercado por sacos de terra, rolos de arame farpado, tripés de ferro e madeira empilhada.

Mary olhou para cima, depois girou o corpo e dobrou os joelhos. Acendeu o isqueiro e o cigarro, e botou fogo nas folhas de um jornal, cuja manchete avisava sobre a iminente invasão da Inglaterra por Adolf Hitler.

“Pegadas” – pensou, olhando à direita.

Mexeu os pés e seguiu as marcas até a parte mais densa do capim. Sob o som chateador e repetitivo das sirenes, caminhou mais dez metros e olhou para a ponte, certificando-se da sua posição. Virou-se e viu o céu. Além do zumbido dos sinais de aviso e do frenético jogo de luzes dos holofotes, inexistiam outros que indicassem ataques ou ameaças. Londres dormiria em paz, ao menos por enquanto.

Mary deslizou o corpo para a esquerda e perdeu o equilíbrio ao pisar em falso. Parte do capim estava mais baixa do que o restante naquele trecho. Abaixou-se e esfregou as mãos nas gramíneas ralas. Seus olhos brilharam. Existia uma alça de ferro dobrada e fundida num grosso pedaço de cimento coberto por folhas.

Ela ajeitou a alça e a puxou com força. A tampa coberta de capim deslizou devagar e Mary viu surgir o desenho do primeiro degrau de uma escada metálica. Inclinou-se e mirou a escuridão. Olhou em torno de si. Estava só. Sua floricultura preferida, a Flower Shop, do outro lado do rio, parecia abandonada, e os arbustos em volta dela lembravam zumbis.

Se era curiosidade ou não, ela resolveu assumir o risco e desceu os degraus enferrujados, agradecendo por dispor de luvas e coturnos. O frio enlaçou seu corpo ao

atingir o chão, que era escorregadio, com goteiras recorrentes e sibilos persistentes, pairando em volta como o sopro dos espíritos de mártires do passado. Mary acendeu o isqueiro outra vez e queimou a outra ponta do jornal. Arremessou o bago do cigarro e olhou para trás, onde havia uma curva; e, ao girar, tomou o maior susto de sua vida.

Um homem com olhos arregalados surgiu repentinamente:

- O que faz aqui?

Ele a agarrou pelo braço. Ela perscrutou seu rosto. Ele tinha a barba rala, o nariz grande e olhos agudos, com o pomo de adão destacado. Era alto e branco. Não deveria ser indigente, intuiu, pois parecia bem nutrido e robusto, apesar de magro. Também não buscava proteção. Não ali, num trecho tão vulnerável e próximo de importantes alvos britânicos, como o Big Ben, Downing Street, os palácios, a Scotland Yard e o Parlamento. Qualquer ataque aéreo teria como alvo aquela ponte, também. Ao menos até onde tinha conhecimento, ninguém do povo usava até então os subterrâneos de Westminster como esconderijo.

Ela rebateu com nova pergunta:

- Quem é você?

Ele gritou, como se ali fosse sua casa, e pudesse expulsá-la:

- Fora daqui! Dê o fora!

Ela ficou na dúvida se era ibérico ou da América Latina. Repetiu:

- Quem é você?

Ele insistiu:

- Dê o fora!

Mary riu, sem nem saber o motivo, e isso o enervou.

- Você é louca?

- Não é o primeiro que me diz isso.

- O que quer aqui? Não tem medo? Descer até aqui sozinha, no escuro.

- Se você fosse me fazer mal já o teria feito.

Ele fez um jeito esquisito e relaxou. Ela foi veloz e dobrou o braço dele com um golpe rápido. No instante seguinte o imobilizou. Ele ajoelhou e gritou, mas Mary não soltou seu braço, e forçou ainda mais.

- Agora diga quem é você – exigiu.

Ele gritou mais alto e olhou para ela, que se sacudiu para mantê-lo imóvel. Ao fazer o movimento, deixou cair uma foto de um dos seus bolsos. Ele olhou para o papel e, mesmo com pouca luz, distinguiu os rostos dela e de um homem sorridente. Mary apertou com mais energia. Tinha sido a melhor nos treinamentos táticos e físicos. Era campeã em artes marciais. Sua agilidade, sua pontaria, seu raciocínio rápido e sua incrível capacidade de reação, receberam elogios dos membros da Scotland Yard, no seu treinamento no MI6.

“Infelizmente” – soou a voz de Peter Flynt.

“Você tem transtornos” – ribombou a voz do médico em sua mente.

- Droga, não sou bandido. Largue-me!

Mary afrouxou a mão e estremeceu ligeiramente. Havia algo nele que a fazia recordar das férias em Lisboa com os pais, em 1936. Ela recuou o corpo antes de perguntar:

- Você é de Portugal?

Ele olhou para ela de lado.

- Do Brasil.

- Ora, vejam só.

Ela o apertou contra a parede suja.

- Não está longe demais da sua terra?

Ele grunhiu e deslizou para o lado. Mary não suportou seu peso e rolou com ele, que se desvencilhou com um chute na perna dela. Ele levantou-se e correu. Mary xingou e, após pegar a foto, seguiu atrás. Ela acendeu o isqueiro, metendo os coturnos na lama como se corresse na areia dura das praias portuguesas durante as férias, as últimas junto com seus pais, antes do acidente automobilístico, que ceifou a vida dos dois e iniciou a sua solidão.

Ela diminuiu os passos ao perdê-lo de vista. Encostou-se na fria parede de tijolos, e guardou a fotografia. Morcegos fizeram voos e alguns ratos desceram do outro lado do córrego escuro com chiados, mas ela não lhes deu atenção. Ali era o habitat deles, pensou.

Sua respiração ofegou, e ela cerrou os olhos.

Tornou a ver a expressão e a ouvir a voz do fugitivo. Um rapaz muito parecido com ele a ajudou a conduzir sua mãe até a sala de cirurgias, no hospital em Lisboa, após o acidente que vitimou instantaneamente o seu pai, na própria autoestrada. Sua mãe se chamava Rose, e precisava de cirurgia. O baço fora perfurado e havia sistemática hemorragia interna não contida. Após despedir-se da mãe, o último rosto que viu foi o do rapaz, que empurrava a maca para o interior do salão cirúrgico.

Quando a notícia do falecimento chegou, veio através de um padre. Mary estava sentada perto de uma fonte com passarinhos voando em volta. Ela ficou passiva diante do espelho d'água, como se fosse uma estátua viva, pálida, sem reação.

Ainda permaneceu outros três dias na capital portuguesa, pensando como seria sua vida a partir daí. Dias que se arrastaram com dolorosa lentidão. Quando concluiu os procedimentos burocráticos de traslado dos corpos, ela estava angustiada. Caminhou por horas pelo centro de Lisboa, e alcançou a beira do mar no final da tarde. A vontade indômita da sua mente a impelia a colocar fim à existência. Resistiu. Isso não seria uma opção. No fim daquele dia, alcançou a embaixada e desmaiou. Acordou no dia seguinte, sentada numa poltrona de um avião de passageiros da RAF, com o tio John Colville ao lado. Ele permaneceu ao lado dela durante o enterro, em Bristol, e resolveu todos os entraves para sua transferência para Londres.

John Colville indicou-a para serviços numa empresa telefônica, na zona suburbana de Londres, em uma casa que cheirava a naftalina misturada com lavanda, com um aspecto decadente, possivelmente em razão da austeridade dos tempos difíceis que vivia a Inglaterra. Ficou ali por alguns meses, seguindo uma rotina diária que logo a enfasiou.

Nesse período, foi acometida de depressão, e resolveu tratar-se. O médico recomendou medicamentos e mudanças de ares. Mary não dispunha de recursos para alterar profundamente a rotina estafante. Assim, na primavera de 1938, ela se apresentou voluntariamente ao serviço feminino de apoio militar. Seu estado de espírito logo

modificou, e rapidamente seu ânimo melhorou. Participou das provas seletivas, e no fim do mesmo ano ingressou na academia para os testes finais para o MI6.

Você tem transtorno maníaco-depressivo, não está apta ao serviço, disseram-lhe os médicos do Serviço Secreto um tempo depois, contrariando sua eficiência nos testes físicos, estratégicos e técnicos. Parecia o fim. John Colville, novamente, foi sua tábua salvadora.

Um silvo percorreu a galeria e Mary reabriu os olhos, apagando da mente a imagem do português. Automaticamente ela virou a chama do isqueiro para a parede e vislumbrou uma seta, cercada por palavras referentes ao Parlamento, numa placa na saída do córego. Ela caminhou até uma curva. Os passos do brasileiro se distanciavam, e logo escutava somente os seus.

Ela fez a curva e cessou a caminhada. Tinha diante de si três novas galerias, cada qual com placas que indicavam as procedências dos esgotos e córregos. Havia uma indicando o Parlamento, outra apontando o setor de St. James Park Lake, e uma terceira com o letreiro quase totalmente apagado, onde as letras 'd' e 's' visíveis, indicavam Downing Street. Em seguida, o isqueiro apagou de vez.

Mary Prichard ficou imóvel por um comprido minuto, sob a sensação de ter dezenas de olhos voltados para ela. Haveria um grupo à espreita? Seriam ladrões ou algo ainda pior? Avaliou a extensão da doidice de descer à margem do Tâmesa, para fuçar atrás de alguém, que bem poderia ser um ladrão ou um estuprador. Talvez fosse pelo seu instinto policial. Talvez fosse pelo seu modo de pensar e de agir, ou talvez fosse mesmo o transtorno que atuava em seu modo de ser. Depois deu a volta e retornou, mas não reencontrou a escada.

Riu para não chorar ao descobrir que estava metida num labirinto.

Tentou ressuscitar o isqueiro, que não respondeu. O ar esfriou ainda mais. Ela esfregou as pernas muito brancas e lisas, sentindo as meias molhadas. Olhou para o alto. Pingos contínuos escorriam por sua roupa. Balançou a cabeça, limpando o nariz com o lenço. Sentiu a movimentação da corrente, e decidiu seguir no sentido contrário ao do vento.

Escorregou ao se apoiar em uma parede cheia de musgo, encharcando mais ainda a roupa com os líquidos fétidos. Sacudiu-se como se fosse um cão, com os insinuantes seios balançando sob a roupa, e praguejou várias vezes.

Em seguida, caminhou por um tempo, sem saber mensurar quanto, posteriormente. Encontrou a derradeira luz no fim do túnel, e sorriu ao avistar outra vez as águas escuras do Tâmis.

A Westminster Bridge estava longe, às escuras e às suas costas.

Ela estava cansada demais para voltar atrás. Quem quer que fosse, aquele homem seria trabalho para a Scotland Yard, não para uma simples datilógrafa do Gabinete de Guerra de Winston Churchill, foi o que pensou antes de desejar ardentemente ter como acender um cigarro. Esperaria até encontrar alguém com um isqueiro ou fósforos no metrô mais próximo. Mas, refletiu e sorriu, tinha que ser alguém que não se incomodasse com o terrível odor que exalava das suas roupas.

Depois, seguiu devagar no sentido de Trafalgar Square, olhando de vez em quando para trás e para os lados.

CAPÍTULO 2

Lady Morte

Chelsea, norte do rio Tâmesa

Algumas horas antes

LONDRES, CAPITAL DA INGLATERRA E DO REINO UNIDO. POR DOIS milênios um grande e importante centro, cuja história remontava da sua fundação pelos romanos, quando foi nomeada Londínio. Desde sempre, os britânicos a veneravam como o local mais destacado do mundo. O centro da cidade, a antiga City of London, também conhecida como The Square Mile ou The City, procurava manter as suas fronteiras medievais. Pelo menos desde o século XIX, o nome Londres se referia à metrópole desenvolvida envolta desse núcleo, inclusive a localidade de Chelsea.

Em 1940, Londres estava num período em que a maioria dos homens era destinada à guerra, e com essa escassez masculina, surgiram grupamentos especiais na Scotland Yard, no Corpo de Bombeiros e nas ambulâncias públicas formados por mulheres voluntárias e outras tantas profissionalizadas, policiando as ruas, nas viaturas e atendendo à população, sem medo dos bombardeios ou qualquer outro tipo de situação.

Naquele 04 de junho, a londrina Anita Walken acordou cedo, pouco depois das cinco da manhã. Acendeu a luz, caminhou até o banheiro e lavou o rosto. O apartamento era pequeno e ficava numa rua afastada e quase desabitada em Chelsea, a oeste de

Westminster, na Grande Londres. Havia outra pessoa com ela, mas Anita somente lhe dispensou um breve olhar, antes de prosseguir com suas atividades.

Anita era inglesa sem irmãos, mas fora criada em Oslo, na Noruega. Seu pai, um funcionário público britânico do setor alfandegário, passava a maior parte do tempo longe de casa. Dizia que precisava lhe dar uma vida melhor do que dera à sua falecida mãe, o que, para ele, justificava o fato de pouco acompanhar a adolescência e a fase adulta da filha. Podia ser verdade, mas ela sempre creditou isso a um possível remorso dele. Anita fora molestada pelo pai uma vez, após uma bebedeira. Ele nunca mais repetiu o ato, e mostrava-se envergonhado. Não tocavam nesse assunto, mas quase certamente o arrependimento o acompanharia pelo resto da vida.

Ela quase nem recordava o tom de voz dele e pouco esforço fazia para lembrar dos traços do seu rosto. Na verdade, o tipo de criação que recebeu não permitia dizer ter qualquer laço familiar com ele. Assim, um dia, com vinte anos de idade, Anita mudou de cidade e de país, e foi morar na capital da Alemanha, onde conheceu um homem mais velho que ela. O nome dele era Oliver Mezingër, e pouco tempo depois estava apaixonada. Sua vida mudou a partir dele. Conseguiu um emprego, fez novas e muitas amizades e, por fim, filiou-se ao mesmo partido dele, passando a ser uma fervorosa e dedicada ativista.

O partido nazista.

Uma vez nas suas hostes, Anita foi recrutada pela Juventude Hitlerista para o serviço de espionagem; e, incentivada por Oliver, que lhe prometeu seguir para Londres depois dos Jogos Olímpicos de 1936, ela passou a se dedicar integralmente a essa nova atividade.

A Juventude Hitlerista era uma instituição obrigatória para jovens da Alemanha nazista, que visava treinar crianças, adolescentes e adultos alemães de 6 a 25 anos de idade, de ambos os sexos, para os fins do partido. Esses jovens eram organizados em grupos e milícias paramilitares. A organização, a partir de 1936, depois do alistamento obrigatório, passou a contar com cerca de 3,6 milhões de membros, e em 1938 o número chegava a 7,7 milhões. Em 1939 foi decretada uma ordem de recrutamento geral.

No início, a doutrinação do grupamento aceitava exclusivamente jovens da Alemanha, mas, com o decorrer dos anos, abriu suas fileiras para jovens de outros

territórios, isso visava adestrar jovens estrangeiros, para fazê-los retornar aos seus países de origem, onde criavam células, que futuramente podiam ser utilizadas a critério da organização.

Em 1936, Adolf Hitler anunciou que todos os jovens alemães e jovens de qualquer parte do mundo simpáticos à causa nazista, deveriam se alistar nos Jungvolk (Povo Jovem) aos 10 anos, para serem treinados em atividades extracurriculares e disciplinas militares, como prática de tiro, manuseio de explosivos e propaganda nazista.

Mulheres eram aceitas, desde que fossem saudáveis, jurassem lealdade integral e estivessem aptas para o serviço militar, pois, paralelamente à Juventude Hitlerista, existia a Liga das Jovens Alemães, onde as garotas aprendiam os deveres da mulher ariana.

Anita logo sentiu que era seu destino se tornar nazista. Amava a ideologia e nem parecia ter nascido na Inglaterra, tamanha sua identificação com a cultura ariana alemã, a desenvoltura dos membros do partido e os incendiários discursos de Hitler. Destacou-se rapidamente e foi muito fácil o seu aprendizado. Alta, bonita, com cabelos cacheados e com padrão atlético, segundo os oficiais, ela seria uma perfeita assassina com ares de anjo. E numa matadora se tornou, já nas primeiras missões. Matava sem nenhum tipo de remorso ou consternação, e era totalmente despida dos mínimos sentimentos humanos de piedade.

Oliver Mezingër lhe deu o apelido que amou e que era muito apropriado: ‘Lady morte’.

Nas reuniões práticas, quando somente os melhores estavam presentes, os oficiais das SS, realizavam os chamados ‘exercícios técnicos’, que consistiam em execuções de prisioneiros, pelos cadetes, como prêmio, além de promoções e medalhas de mérito. No seu grupo, Anita Walken ficou em primeiro lugar, durante um evento de tal natureza, ocorrido num presídio nos arredores de Berlim, às vésperas do Natal de 1935, quando ela completaria 23 anos. Os cadetes foram divididos em duplas. Ela e seu parceiro teriam que competir e eliminar seus colegas, em provas de força física, luta corporal e táticas. As duas duplas que chegassem à final, lutariam pelo direito de matar uma dezena de prisioneiros indesejáveis como ciganos, homossexuais, judeus, comunistas e detentos comuns.

Anita Walken e um jovem de origem dinamarquesa chamado Ken foram os vencedores. Mas, nesse momento, descobriram que existia uma última prova: somente um deles seria o vencedor. Ela o derrotou sem muito esforço, quebrando-lhe os braços, depois de aplicar golpes marciais e bater nele com uma barra de ferro. Vitoriosa, ordenou aos detentos que ajoelhassem, dentro de uma gigantesca jaula de grades de aço, onde estava com eles. Suada, com a pele arranhada, o supercílio semiaberto, e ferida num dos braços, ela ousou, surpreendendo os seus superiores. Destravou a saída e depositou sua pistola junto da porta de metal. Deixou somente uma bala no pente, e solicitou ao comandante que desse a liberdade ao prisioneiro que conseguisse pegar a arma e matá-la.

Depois disso, ela soltou as correntes das mãos e das pernas deles, e exibiu a única arma que usaria naquele combate: um punhal com cabo de madrepérola com o desenho de uma serpente enroscada numa coluna romana, cujo apelido, a partir daquele dia passou a ser ‘solução final’⁶, em homenagem a Heinrich Himmler, o líder das SS, presente no treinamento, e árduo defensor do completo extermínio dos judeus.

Quando ela se afastou para o centro do piso de areia daquela espécie de arena, ficando entre o grupo e a saída, os dez prisioneiros esfregaram os pulsos, olharam para os numerosos soldados armados postados do lado de fora e avaliaram a situação. Um deles, um comunista lituano, olhando diretamente para a tribuna onde Himmler estava, perguntou se quem a matasse seria mesmo libertado. Um gesto de aprovação dele foi a resposta.

No instante seguinte, o lituano e mais um homem, e uma mulher pequena, avançaram contra ela. Anita agarrou o pescoço do primeiro, quebrando-o com um golpe entre as vértebras. Deu um salto em seguida e derrubou o comunista da Lituânia com os pés, cortando sua jugular, com solução final, que depois limpou no abundante cabelo dele. A mulher desistiu de lutar e correu desesperada para a pistola, mas o punhal de Lady Morte a derrubou, perfurando seu pescoço por trás.

Restavam sete.

Anita fez um gesto pedindo que avançassem. Eles se entreolharam e decidiram atacar todos juntos. Eram duas mulheres e cinco homens, um deles pouco mais que um rapaz. Enquanto seis deles correram na sua

direção, o rapaz saltou e pegou a pistola. Ele olhou 6 O termo "Solução Final" foi empregado pelos nazistas para se referir ao plano de aniquilação total do povo judeu.

para ela e ameaçou disparar; em seguida, virou-se para o lado de fora e saiu correndo. Conseguiu correr uma dezena de metros até ser fuzilado por um militar.

A luta parou, sob a mira das metralhadoras dos militares, e um soldado recuperou a pistola dela, colocando-a novamente na jaula. Os outros compreenderam que tinham mesmo que eliminá-la, ainda que fosse com a sua arma automática, com as próprias mãos, com as correntes que antes os prendiam ou com o próprio punhal dela.

Cinco deles apertaram o cerco em volta, enquanto uma mulher cigana pegava a pistola. Anita girou solução final na mão, avançou contra o mais próximo e o acertou na barriga, enfiando o punhal até o cabo. Com a lâmina sangrando, ela girou e aplicou golpes em outros dois, e depois cortou seus pescoços.

Sobraram três.

Os dois homens investiram ao mesmo tempo. O mais forte deu uma chave de braço na Lady Morte e a segurou, enquanto o outro passava a corrente em seu pescoço para asfixiá-la. Anita estava preparada e inflou o tórax e o pescoço um segundo antes do aperto fatal. No segundo seguinte, ela esvaziou os pulmões e as correntes afrouxaram, enquanto usava o que estava por trás como apoio, para aplicar uma gravata com as pernas e quebrar o pescoço no que estava diante dela.

Com um giro, e ainda com o punhal na mão, ela derrubou o adversário. A cigana estava com o braço esticado e tentava fazer a mira, mas temia acertar o companheiro, em vez dela. Depois que Anita o matou, asfixiando-o, a mulher decidiu que era o momento. Com as mãos tremendo ela mirou a cabeça de Anita, que se levantou e caminhou.

Lady Morte deu saltos para os lados, com um rápido ziguezaguear, até parar diante dela. Os rostos ficaram a centímetros. A cigana viu o fim em seus olhos e viu que devia arriscar tudo. No entanto, Anita foi veloz, e desarmou-a. A mulher estremeceu. Anita olhou para ela e disparou entre os seus olhos, recebendo os aplausos de Himmler e todos os outros pela vitória.

Ela agradeceu, encurvou-se, e, como se fosse uma gladiadora, cortou a cabeça da última adversária e a ergueu, com o sangue escorrendo por seu braço, entre os apupos e urros extasiados dos seus colegas.

Renovava-se ali a sua fama. Todavia, ela pediu silêncio e voltou-se para Himmler. Ainda havia mais uma surpresa dela para ele.

- Senhor, venci os exercícios, após vencer meus companheiros. Reivindico o meu prêmio integral. Por direito, eu devia cortar dez cabeças inimigas, mas foram somente nove. A décima foi cortada por aquele soldado – disse, com o braço apontado para o militar que metralhou o rapaz minutos antes.

Himmler assentiu e fez um movimento com a mão. Seguindo sua ordem, o comandante do quartel do presídio, mandou que buscassem outro detento. A plateia agitou-se quando surgiu um enorme negro seminu e tatuado com o símbolo da Legião Estrangeira⁷. Os apupos transformaram-se em risadas estrepitosas, seguidas de comentários racistas e debochados. Aquele prisioneiro, naquele momento, representava a França subjugada, humilhada, arruinada, literalmente ajoelhada ante o poderio militar nazista.

Anita olhou para o comandante do presídio, com a sensação de que ele sorria, gesto que somente depois compreenderia a razão. Ela encarou o homem, que caminhou até perto dela e parou quando faltavam três metros. Ela soltou suas algemas, como fizera antes, mas ele agiu inesperadamente, e a agarrou pelo pescoço. Ele tinha quase dois metros de altura e era musculoso. Era careca e tinha uma cicatriz na face esquerda. Anita tentou pegar o punhal, mas o puxão o derrubou na areia. O gigante manteve o abraço funesto, e começou a sacudi-la, como se ela fosse um saco vazio.

Ao notar que ela resistia, ele a lançou violentamente contra o gradil.

Imediatamente, os soldados apontaram as metralhadoras para o interior da arena, mas Himmler determinou que a luta prosseguisse. Era a prova de fogo de Anita, e toda a admiração que desenvolveu por ela seria testada contra o titã negro.

O legionário arrastou as correntes, produzindo um barulho lúgubre, enquanto Anita recuperava o fôlego. Entretanto, ele não lhe concedeu mais do que alguns segundos, e avançou o longo braço para a frente, batendo nas costas dela com as alças de ferro, como se ela fosse um tapete sujo. Lady Morte sentiu os golpes, mas conseguiu escapar, rolando. Ela ergueu o corpo. Ele bateu nas suas pernas e nos braços. Ela saltou e correu para a porta. A breve distância que surgiu entre os dois, foi o tempo para ela recarregar a pistola.

O gigante foi mais veloz. Pegou solução final e o atirou contra ela, atingindo o seu ombro direito. Com o sangue escoando sobre sua roupa, Anita gemeu. Mas, conseguiu 7 A Legião Estrangeira Francesa é uma unidade militar de elite da França, criada no século XIX.

recarregar a arma. Contudo, o legionário era extremamente ágil. Com um salto extraordinário, ele caiu sobre ela, e os dois rolaram. Ela sentiu dor extrema, quando girou sobre o punhal, ainda preso no ombro. O homem a ergueu pelas costas e apertou as mãos em volta do seu pescoço. Os pés dela não tocavam mais o chão, e ela sentiu as vistas nublarem e suas pernas tremeram.

As grandes mãos estreitaram-se em volta do pescoço de Anita e ela percebeu que não tinha como reagir, apesar de debater-se loucamente, ainda com a pistola em punho. O homem esboçou um riso pela primeira vez e observou os rostos em volta. Himmler se ergueu e colocou a ponta dos dedos no parapeito de madeira. O titã negro apertou ainda mais os dedos. O pescoço arroxou-se, estava a ponto de estourar. No último instante, ouviu-se um disparo, e dois corpos desabaram. Seguiu-se uma mudez generalizada. Himmler jogou-se para trás, sentando abruptamente, com os olhos atados na arena.

Depois, um dos corpos moveu-se. Sangrava e parecia ter retornado do mundo dos mortos. O sangue jorrava de sua testa, das pernas, das mãos e dos seus dois ombros, que estavam perfurados. Anita, para estabelecer o final do embate e sair vencedora, atirou contra o próprio ombro esquerdo. A bala atravessou seu corpo e penetrou no do homem às suas costas, na região do coração.

Ela olhou para ele, que ainda vivia, e parecia tão ativo quanto antes. Na plateia, nenhum dos colegas da Lady Morte se mexeu e nem pronunciou uma única palavra, como se ali existissem apenas Anita Walken e o seu mais tenaz adversário até então. Enfim, ela esticou o braço, e disparou seguidamente contra ele, até esgotar todo o pente de balas da pistola, escutando as palmas de Himmler quebrarem o silêncio.

Confirmada como agente especial, algum tempo depois, a primeira coisa que Anita fez ao voltar para a Inglaterra foi procurar a célula hitlerista em Londres, composta por britânicos como ela, e depois o pai. Ele morava na mesma casa e, como antes, tinha pouco tempo para ela. E pior: abandonado pela amante, havia se envolvido com drogas e bebidas, estando à beira de perder a sua única fonte de recursos, que era o seu emprego público.

Anita o encontrou adormecido numa cama de molas. Ela olhou em volta e, por um momento, sentiu um rasgo de compaixão por ele, ao ver a pocilga onde vivia. Mas, estava ali para cortar todos os laços familiares que existiam. Era uma exigência do Serviço Secreto alemão. Havia um plano em curso, e ela fazia parte, como um

importante elo. Dessa maneira, Anita colocou as luvas e abriu a sacola, retirando a seringa já pronta de dentro de uma vasilha de madeira. Após aplicar a substância, ficou sentada perto dele, fumando calmamente, enquanto os espasmos assomavam no corpo do homem que um dia foi seu pai.

Ao final, Lady Morte eliminou todos os vestígios da sua presença e saiu. Abriu o gás do fogão e abandonou o lugar convencida que o falecimento dele seria registrado como mais um de entre os tantos mortos por overdose, num subúrbio londrino, enquanto o imóvel explodia.

Assim como os colegas do seu núcleo nazista, ela acordou no horário previsto, e ficou satisfeita por saber que o dia tão esperado tinha chegado. Ela enxugou o rosto e retornou para o quarto. Olhou para o despertador e para a pessoa que estava deitada de costas, amarrada sobre um colchonete. Era uma mulher, com os olhos abertos e fixos no teto, tão cheios de pavor quanto os de alguém prestes a ser eletrocutado. Ela deslizou seu atlético corpo e sacudiu os cabelos ao entrar na minúscula cozinha, e ligou o rádio. Um repórter qualquer atualizava as informações sobre os números da retirada dos soldados britânicos de Dunquerque, tentando passar a imagem de que não fora um desastre, mas uma estratégia militar com o objetivo de guarnecer a ilha, para um eventual contra- ataque, numa futura invasão para a libertação da França.

Anita pôs um cereal numa panela e jogou leite em cima, esvaziando a garrafa. Enquanto mexia, cortou duas fatias de pão, outras duas de queijo e preparou um café, com o resto de pó que existia num frasco azul. Olhou para a mulher e sorriu. Tratava-se da sua colega do grupamento de ambulâncias do Departamento dos Bombeiros, que estava escalada para trabalhar na região de Westminster naquele dia.

Quando o mingau ficou pronto, Anita colocou açúcar e começou a tomá-lo, junto com o café, mordendo o pão e o queijo, com os olhos numa grande foto de jornal presa na parede, com o rosto de Winston Churchill, ladeado por fotografias menores de John Colville e alguns outros; em todos os recortes existia um dardo perfurando as imagens.

Terminada a refeição, ela se observou no espelho. Os seios eram cheios e redondos, com os bicos tão claros que pareciam invisíveis. Notou duas pequenas cicatrizes nos extremos dos ombros internos, e ficou muito séria de repente ao recordar o duelo com o legionário. Ela engoliu em seco e tentou não olhar para ali. Em seguida, ajeitou a liga e a calcinha. Vestiu-se apropriadamente com um uniforme, conferindo as armas, as

munições e o punhal ‘solução final’. Depois colocou outro uniforme por cima, e foi escovar os cabelos, observando o reflexo da companheira através do espelho do armário. O rosto de Anita era bem-proporcionado, com um jeito orgulhoso na maneira como sustentava a cabeça e com uma interessante e sempre elogiada boca. Depois de maquiar-se, voltou a mexer na pistola e em seguida iniciou a limpeza do apartamento.

Quando terminou, Lady Morte ajoelhou-se ao lado da mulher, e pegou uma seringa.

A mulher agigantou os olhos, tentando gritar, apesar da mordada. Alguns minutos depois tudo tinha terminado. Anita carregou o corpo para a cama e o colocou num saco de lona escura. Dois toques de buzina anunciaram que seu pessoal já havia chegado. Ela olhou pela janela e gesticulou. Uma mulher, com trajes de enfermeira, e dois homens, com uniformes da Scotland Yard, desceram da viatura, e subiram em silêncio os degraus até o primeiro andar. Pegaram o saco com o corpo, e junto com Anita retornaram para o veículo. No caminho, pegaram uma via vicinal deserta e entregaram o corpo para dois homens, que estavam em pé ao lado de outros carros, um deles uma ambulância, onde estavam outras pessoas.

Anita Walken esfregou o dedo na sobrancelha e assumiu a direção da ambulância. Com ela, estavam mais quatro mulheres e um homem, todos membros da Juventude Hitlerista, liderados por ela, treinados e aptos para cumprirem suas tarefas sem discussões, devidamente conscientes que seguiam para uma missão que talvez lhes custasse as vidas. Dali, seguiram para o centro de Londres. Ainda era cedo, e o plano seguia conforme o aguardado.

Lady Morte sorriu ao pensar em Oliver e em tudo o que ele representava, e sentiu orgulho por fazer parte daquela operação.

CAPÍTULO 3

Berghof

Alemanha, Baviera

Horário: 12:39hs

CIRCULAVA NA CHANCELARIA QUE ADOLF HITLER FICARIA EM BERLIM até que a Wehrmacht controlasse totalmente Paris e os arredores, o que deveria acontecer até o fim da quinzena, conforme esperava o Estado-Maior. Todos afirmavam que era desejo de Hitler visitar a capital francesa. Aos assessores, ele deixava claro que estaria presente durante a assinatura da rendição da França, o que era uma questão de dias diante da total falência do governo e da sociedade daquele país.

No entanto, naquele dia, ele estava em Berghof, em Obersalzberg, nos Alpes Bávaros, perto de Berchtesgaden, na Baviera, em uma de suas casas de repouso. Junto com o

Führer estava o seu restrito círculo, composto por alguns colaboradores como o ministro Joseph Goebbels; Heinrich Himmler, o comandante das SS e Hermann Wilhelm Göring, chefe da Luftwaffe.

O pequeno prédio foi comprado por Hitler, em 1933, com fundos resultantes dos direitos da venda de seu livro *Mein Kampf*. Era em estilo chalé e foi remodelado, expandido em 1935-1936 e renomeado como Berghof. Um grande terraço foi construído e enfeitado com grandes guarda-sóis coloridos. O hall de entrada foi enfeitado com uma exposição curiosa de cactus em vasos, e a sala de jantar era forrada com painéis feitos de cara madeira de pinho suíço. O estúdio de trabalho tinha uma mesa telefônica auxiliar num quarto contíguo.

A biblioteca continha livros de música, pintura, arquitetura e história. Uma grande sala foi decorada com mobiliário teutônico, um globo e uma lareira de mármore vermelho. O Führer gostava de cinema e ordenou a montagem de uma sala de projeção para as sessões noturnas, num ambiente com vistas para a floresta. Ele tinha uma sala de som e adorava as composições de Wagner. Afirmava que muito do compositor o influenciou, alegando que Wagner defendia o antissemitismo, com a ideia do germanismo ariano.

De fato, Hitler utilizou em comícios alguns trechos de panfletos antissemitas escritos por Wagner, e, desde 1923, houve um estreito contato da família do compositor com Hitler, que visitou o túmulo de Wagner a convite dos familiares dele.

Hitler fazia questão de dizer que tinha comprado a propriedade de Berghof com o seu próprio dinheiro. Repetia isso constantemente durante os discursos nos congressos em Nuremberg. A casa era a preferida de sua mulher Eva Braun, e era mantida como um pequeno hotel-resort por uma equipe de governantas, cozinheiros, jardineiros e demais funcionários de serviços gerais.

Na sala do primeiro andar, existiam protetores acústicos e uma grande parafernália de instrumentos, onde um grupo de militares e técnicos ultimava os preparativos para a transmissão radiofônica que ele faria em seguida.

Karl Mezingër era um deles.

Karl era especialista em ondas e fazia parte do grupo da IBM que finalizava o projeto do sistema do radar, uma das mais secretas tecnologias do Reich, correndo contra o

tempo para ultrapassar os britânicos. Ele era bastante alto e seus cabelos eram quase brancos, de tão louros. Convocado para Berghof, ele trabalhava como se o futuro da guerra fosse decidido ali. Era membro do partido e apaixonado por sua ideologia. Também existia outra razão. Tinha um irmão entre os agentes que surpreenderam a Grã-Bretanha, na missão que talvez lhe custasse a vida. Faria de tudo para, no mínimo, honrar o valoroso serviço que seu irmão desenvolvia na Inglaterra.

Pegou a medalha e olhou a foto de Oliver Mezingër. Oliver cuidou dele quando os pais morreram durante a Primeira Guerra Mundial. Passaram fome juntos, mudaram de cidade mais de uma vez, até que Oliver conheceu o partido nazista. A partir daí a vida de Karl mudou. Devia tudo ao irmão, e por ele seria capaz de qualquer coisa. Inspirou forte e guardou a medalha.

Die Meistersinger von Nürnberg – Os Mestres Cantores de Nuremberg, de Wagner, ecoava em Berghof, quando Hitler, ladeado por Joseph Goebbels e Heinrich Himmler, se aproximou, segurando luvas. A música parecia ter poder de encanto sobre ele, e o Führer abriu um sorriso. Karl fez a saudação, empertigando-se junto com os demais. Hitler cheirou o ar, percebendo o cheiro do ozônio gerado pela eletricidade, olhou para os aparelhos e ficou satisfeito com o que viu.

- Perfeito! – Hitler disse.

Sobre uma robusta mesa de aço, havia uma antena girando lentamente, como um olho que examinava tudo em volta, com grossos cabos que saíam da base do transmissor ao lado, até a parede, onde existiam monitores e operadores, que manuseavam o painel e de vez em quando olhavam pela janela para verificar se a grande antena externa estava no lugar, como se fosse possível para uma armação de metal com mais de vinte metros de altura, junto com um gerador de energia de 10 mil Watts, de repente, ganhar asas e voar sobre a Floresta Negra, como num passe de mágica.

- Sugiro iniciarmos a transmissão, mein Führer – disse Goebbels, visivelmente alegre. Fora dele a iniciativa de preparar Berghof como o Führer gostava, principalmente, sob a melodia de Wagner.

Hitler parecia um garoto olhando para a cereja do bolo.

- Sim, claro – concordou.

Karl sentiu um arrepio. Não sabia se era somente pelo orgulho de estar presente num momento histórico, pois todos ali conheciam o que significava o Plano Olho da Coruja, codinome utilizado para designar a operação destinada a obter a rendição da Inglaterra. Ele também não sabia se era receio de algo dar errado e a transmissão não alcançar a ilha britânica.

A agenda direcionava para que cada frase de Hitler fosse simultaneamente traduzida para o inglês, pela isenta voz do operador do som, postado no lado contrário da mesa onde Hitler discursaria dali a minutos.

Na verdade, quando Karl viu o Führer acomodar-se na cadeira acolchoada, com o microfone do rádio já emparelhado à altura da sua boca, ele sentiu todo o medo dissolver-se, e disse para si mesmo que era um privilegiado.

Quem olhasse para ele e o conhecesse há mais tempo, diria que Karl tinha a mesma expressão de satisfação do dia em que assinou a ficha de filiação no partido, após liderar uma quebradeira das lojas judias no centro de Berlim.

- Heil Hitler – disseram todos, antes do discurso começar a ser irradiado.

Escutar a vibração da expressão da saudação nazista, adaptada de Sieg Heil – Salve a Vitória, naquele instante funcionou como o combustível que Karl necessitava para acreditar que, muito em breve, também os britânicos elevariam os braços em uníssono para repeti-la diante do seu líder.

- Muito bem – Hitler disse, com os olhos jubilosos.

CAPÍTULO 4

Galípoli

Subterrâneos de Downing Street

Horário: 12:52hs

ALÉM DA CAMA PRINCIPAL E DE TRÊS BELICHES, EXISTIA UM ARMÁRIO de metal pintado de cinza e alguns outros pequenos móveis milimetricamente distribuídos no pequeno vão, inclusive prateleiras com equipamentos, armas, máscaras contra gases, macacões, luvas, alicates, material de primeiros-socorros e suprimentos, além de garrafas de uísque e de vinho, cercadas por garrações com água. O ambiente era suficientemente capaz de suportar oito pessoas, apesar de parecer menor. Estava dotado de geradores de energia, de um reservatório de água e reservas de

alimentos não perecíveis, com capacidade de atender esse número de pessoas por dois meses.

Assim que cruzaram a porta de acesso, após atravessarem o comprido e pouco iluminado corredor, Mary Prichard ficou satisfeita ao acionar o sistema elétrico de emergência. As luzes acenderam e, com Winston Churchill ao lado, e extremamente antenado, procurou onde sentar. Ele abriu o paletó, e viu que existia uma bengala e um chapéu em cima da mesa, iguais aos que perdera na fuga. Olhou em volta e apontou para o telefone e para a aparelhagem de telegrafo e de rádio colocada sobre o balcão à esquerda da cama, onde havia a porta para um pequeno sanitário.

- Leva um tempo para o sistema ficar completo. Acho que em dez a vinte minutos poderemos usar o telegrafo e os radiotransmissores.

- Estamos sós?

- Infelizmente, os outros não se desvencilharam dos alemães a tempo de virem para cá. Eu tinha ordens de ficar com o senhor e eliminar todos os acessos. Isso, talvez, tenha custado a vida dos meus companheiros, o que lamento profundamente; mas o objetivo era mantê-lo salvo a qualquer custo.

- Nenhuma outra passagem ou via de acesso?

- Somente as que levam aos esgotos e canais subterrâneos, por onde poderemos sair.

- E se os inimigos já estiverem nas galerias?

Ela não rebateu. Achou isso plausível e lembrou-se do estranho homem nos subterrâneos.

- Então, se podemos sair, eles poderão vir por esses caminhos.

Ele fez uma pausa. Ela pensou um pouco e respondeu:

- Se vierem por Whitewall ou pelas vias em volta, talvez sim. Mas, presumo que não disponham de tantos agentes para mais essa ação. Além disso, esse perímetro, acima de nós, e além de Downing Street está tomado por nossas forças militares certamente.

Churchill fez o possível para acreditar nela:

- Quem garante? Nazistas são mais perigosos que demônios. Até Lúcifer ficaria incomodado, se Hitler invadissem o inferno, e não duvido que tencione, ante a sua sanha por territórios.

Ele refletiu um momento e completou:

- Sem dúvida, eu faria um acordo com o diabo para acabar com ele e seus comparsas.

Ela ficou quieta. Ele perguntou:

- Então, estamos numa ratoeira, cuja única forma de acesso é pelas galerias?

Ela pensou um instante.

- Se qualquer inimigo ultrapassar nossas linhas na superfície, eu serei sua última barreira. E lutarei com honra.

- Não tenho dúvidas, e eu lutarei com você. Mas, espero que o resgate venha logo.

Ele refletiu olhando para o lado.

- Temos alguns outros bunkers espalhados pela cidade.

- Exato.

- Espero não ter que viver de bunker em bunker por muito tempo. Aliás, nem penso nisso. Quero estar visível para que o povo veja que o Governo funciona e que está ao lado dele.

Depois, ele olhou para o outro lado.

- A linha telefônica é segura?

- Acredito que sim, senhor.

Churchill escorregou o olhar e disse:

- Não creio. Sou confiante, mas não desprezo a capacidade alheia. Os alemães não são tão idiotas assim. Já devem controlar todas as linhas, inclusive essa. Não duvide.

Mary hesitou e caminhou até o aparelho. Parou ao lado dele, depois, sentou-se na cama e ficou em silêncio. Quem olhasse para ela naquele instante, e a visse tão aparentemente frágil, jamais acreditaria que tivesse eliminado ao menos seis robustos e treinados agentes nazistas, explodido salas e câmaras seculares de um dos mais

importantes centros de poder do mundo, e escorregado, pelo elevador de lixo, abraçada com o responsável pelo Governo da nação dona do maior império do planeta.

- Precisamos urgente que o resgate chegue – disse num tom baixo e melancólico após alguns segundos, parecendo confusa, enquanto retirava dois comprimidos de dentro do bolso, jogando-os na boca.

Ele tirou algumas folhas de papel do bolso, fez que não percebeu para não ter que rebater prontamente, e ficou parado com os olhos nela. Em seguida, Churchill ergueu o corpo e foi até o aparelho de rádio, após sacudir a cabeça. Era um modelo portátil que já tinha visto na BBC. Se fosse como o outro, poderia enviar e receber transmissões, chegando com som claro e limpo até os retransmissores, e deles para o mundo.

As formas de comunicação eram itens imprescindíveis na guerra. A Inglaterra disputava com a Alemanha e com os Estados Unidos a supremacia no setor dos radiotransmissores e dos radares dos sistemas de navegação, como utensílios estratégicos e táticos. O general alemão Heinz Guderian usou sua experiência no conflito anterior, e instalou redes radiofônicas nas divisões Panzer de tanques. Esse simples ato tecnológico possibilitou à Hitler obter sucessivas vitórias a partir de setembro de 1939. Em resposta, o Marechal inglês Hugh Dowding, da RAF, incrementou sistemas de alta frequência em 16 esquadrilhas.

- Certa vez eu mesmo operei um desses – disse, olhando para as folhas de papel que tirou do paletó. Nelas estava o discurso que faria pela tarde.

- Talvez seja necessário. Aliás, precisamos avisar a nossa atual situação.

Churchill fez um bico e falou:

- O que você vai fazer?

- Primeira parte da missão: trazê-lo até aqui em segurança. Segunda parte: colaborar para libertar o Parlamento.

Ele balançou a cabeça:

- Você normalmente conduz as pessoas em segurança sob saraivadas de balas e granadas?

Mary fitou-o com os olhos semicerrados.

- Como estarão os reféns na Câmara dos Comuns? – perguntou.

Ele arqueou as sobrancelhas devagar.

- Difícil crer que estejam tranquilos.

Ela meneou o pescoço:

- Não faço a menor ideia.
- Colville e o Estado-Maior reverterão a situação por lá também.

Mary ergueu a pistola e disse:

- O senhor acredita que os libertarão sem mortes, quando invadirem o edifício?

Churchill coçou a calvície.

- É o que rogo com todas as forças – disse e virou-se.

Ela estava com a cabeça baixa e conferia a munição da pistola e da gaveta da prateleira acima da cama, de onde retirou outras duas pistolas. Ele voltou-se outra vez para ela:

- Nós venceremos. Disso estou certo – disse com firmeza.

Mary não respondeu, estava com os olhos trêmulos. Churchill percebeu, aproximou-se com cuidado e disse:

- Confesso que imaginei tudo e muito mais; mas jamais concebi que agentes nazistas pudessem ter êxito numa investida tão extremamente surreal.

Mary olhou para ele.

- Fui surpreendido, confesso. Nenhum dos relatórios da Inteligência indicava tamanho atrevimento e arrojo. Contudo...

Ele fez uma pausa e abriu a cigareira sobre a mesa antes de prosseguir:

- Reconheço que foi uma lástima, uma falha terrível; principalmente minha. Assumo, pois não tenho o costume de subestimar qualquer que seja o adversário.

- Não contávamos com a participação de tantos traidores entre nossos agentes. Havia quase o mesmo número deles entre os alemães que invadiram o prédio.

- Sim, sem dúvida. Infelizmente, traidores são uma espécie torpe.

Ele recuou um metro, com as mãos para trás:

- Quem de nós acreditaria que chegaria um dia assim?

- Precisamos descobrir quem mais foi cooptado.

- Minha jovem, não se toma de assalto o Parlamento britânico e a residência do primeiro-ministro sem um meticuloso e bem estruturado plano.

- Simulamos coisas parecidas durante os treinamentos.

- Não duvido.

- Nunca uma ação tão arriscada.

De repente, um rumor do lado de fora os silenciou. Ela deslizou até a grossa porta de acesso e sinalizou para o primeiro-ministro ficar calado e esconder-se atrás do biombo de metal, que servia como escudo em caso de invasão. Mary abriu a portinhola e olhou para o lado de fora, que estava escuro. Pegou a lanterna e iluminou o outro lado. Gotas de água acumulada entre as diversas camadas da antiga construção pingavam insistentes, provocando um ruído amplificado pelo vazio do corredor, ao tocarem nas poças. Ela percorreu o lugar com o clarão, mas não viu nada além de móveis velhos, caixas de madeira e armários repletos de pequenas vasilhas e máquinas de datilografar. Ela focou as paredes e viu duas espadas cruzadas, presas junto de um grande mapa da Europa. Decidiu sair e verificar um pouco mais além, destravando a porta.

- Fique aqui – disse.

- Nem em sonho. Vamos conferir juntos – afirmou ele.

O primeiro-ministro pegou a arma que ela ofereceu, segurou a bengala e seguiu atrás dela. Mary apontou a pistola para a frente, com o corpo inclinado e a lanterna na altura dos olhos. Caminharam por quinze metros e pararam quando atingiram a curva para o acesso à escada.

- Não há nada aqui, senhor – disse.

- Vamos voltar, preciso comunicar-me com John Colville, e passar-lhe determinações.

Ele sacudiu a cabeça com um jeito engraçado e continuou:

- Já fiz mesmo um pouco de tudo nessa vida. Vou anotar no meu currículo mais esse encargo como conferente de galerias abandonadas.

Ela fez um gesto e ele parou para observá-la. Mary deslizou em silêncio para a esquerda e cessou os passos quando viu duas grandes tampas de aço. Ajoelhou-se e leu o que estava escrito, constatando que eram as entradas para as galerias. Ela revirou os olhos à procura de algo. Ergueu-se e puxou barrotes de ferro, colocou um em cada tampa e limpou as mãos. Depois, calculou mentalmente quantos metros seria a distância até a entrada do abrigo na casa dos fundos, e se deu por satisfeita.

Trocou um breve olhar com o primeiro-ministro e continuou a caminhada, com a pistola abaixada. Os dois suspiraram quando regressaram ao bunker, e depois retomaram às atividades anteriores. Churchill a olhou por um minuto, caminhou para o lado e sentou-se numa cadeira junto do transmissor, que emitia pequenas vibrações. Ele devolveu-lhe a arma e balançou a cabeça.

- Creia, os nazistas estão numa missão suicida e sem volta, independente do resultado – comentou.

Mary o mirou e pensou em fazer a pergunta que o mundo inteiro ansiava sobre o que ele faria, mas relutou e recuou, olhando para as pistolas.

- Você está diferente – disse Churchill, num repente.

Ela inspirou profundamente.

- Cansada – respondeu.

Ele deu uma olhada em volta, consultou o relógio e concentrou o olhar no dela antes de perguntar:

- Você quer me contar algo?

Mary virou a face para esconder os olhos vermelhos.

- Sim, estou certo. Você está diferente. Parece uma novata, em primeira missão.

Ela se levantou e ajeitou as pistolas dentro da roupa, deixando a terceira junto do rádio. Mary apertou os botões de inicialização do sistema operacional e ouviu o estalo da estática. O painel acendeu e piscou algumas vezes até estabilizar. No espaço de um

minuto toda a aparelhagem radiofônica parecia apta, e ela sacudiu a cabeça satisfeita. Em seguida, olhou para a terceira arma, verificou a munição do pente e virou-se para ele.

- Essa é para o senhor – disse.

Churchill agradeceu e colocou a pistola sobre a mesa. Depois, ele a segurou pelo braço.

- Sente-se – disse, e foi para a mesa, pondo a bengala ao lado.

Ela obedeceu. Ele sentou na cadeira de frente para ela, cruzou as mãos e falou como se fosse um tranquilo gerente de banco:

- Existe algo que eu possa fazer por você?

- Estou bem. Está tudo bem.

Churchill ficou pensativo. Estava certo que Mary tinha potencial para o Serviço Secreto, mas duvidava sobre os motivos que a levaram a ansiar uma vaga no MI6. Ele permaneceu sentado atrás de sua mesa, com os dedos sobre a corrente do relógio, observando as reações dela. Tinha todo o jeito de uma mulher de classe média. Bonita, alta, com os cabelos castanhos até a altura dos ombros e o batom muito bem desenhado, ela

passaria despercebida como uma promissora jovem universitária. Por que uma pessoa assim desejaria trabalhar ali, voluntariamente, como datilógrafa? Aquele tipo de trabalho não era normalmente para garotas como ela, aparentemente tão cheia de vida e de perspectivas, mesmo em tempos tão difíceis.

- Acho que a linha é realmente segura, senhor – ela disse, após retirar e repor o fone no gancho. – Ainda que não fosse, o que mais teríamos a esconder deles? A essa hora já devem ter revirado pelo avesso cada canto. Não temos mais nada a oferecer.

Churchill deu uma olhada em volta, observando friamente o seu novo gabinete, e notou um fogão e uma cafeteira. Ele levantou e pegou duas xícaras e uma vasilha contendo o pó de café. Havia água no aparelho e ele voltou-se para ela, após ligar o fogo. O que mais haveria para esconder, refletiu. Talvez essa pergunta devesse ser feita a Roosevelt, deduziu. Ou será que ali, na casa dos fundos, estaria a resposta para a indagação do presidente dos Estados Unidos?

“Quando surgir no horizonte uma linha perigosa” – disse-lhe Roosevelt.

- Sempre teremos algo que eles desejarão, minha cara. Não enfrentamos qualquer espécie de gente nesse momento. Estamos diante do mais avassalador mal que jamais teve poder na Terra. Se esta ilha sucumbir, todo o mundo livre sucumbirá. Isso é pouco? Não seria isso o que eles tanto querem de nós?

Ele fez uma pausa para coar o café. Encheu as xícaras, passou uma para ela e retomou a conversa com o instinto lhe dizendo que Mary precisava ouvir, que ela queria ouvi-lo, que havia algo mais a descobrir. Churchill retirou o paletó e o pendurou num gancho perto da porta. Ele olhou para o nome bordado e esforçou-se para conter lágrimas teimosas que escorregaram pelos cantos dos olhos. O terno fora confeccionado por Sheppard de Savile Row, ali mesmo, em Londres, dois anos antes, pouco depois do retorno supostamente triunfal de Neville Chamberlain do malfadado encontro com Adolf Hitler, na Alemanha. Sheppard de Savile Row era o mesmo fabricante de semelhante terno por ele utilizado no dia do seu afastamento do Almirantado, na Primeira Guerra Mundial.

“Galípoli” – recordou entristecido.

A Campanha maldita, também conhecida como Batalha dos Dardanelos, que teve como palco a península de mesmo nome, na Turquia, durante a Primeira Guerra Mundial. Foi uma das campanhas mais custosas e trágicas da guerra. Forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas pretendiam desembarcar e conquistar rapidamente a passagem; mas, a tentativa falhou, com pesadas perdas, o que custou a posição de Churchill, que se retirou completamente destroçado politicamente. Muitos achavam que ele jamais teria como retornar para a política, outros entenderam que, apesar de jovem na época, sua vida fatalmente chegaria ao fim em razão do gigantesco revés.

Era 23 de abril de 1915, uma chuvosa madrugada de primavera na costa oriental do Mar Mediterrâneo. O mau tempo que insistia em encobrir a região mais lembrava o das ilhas britânicas, de onde vinha a maioria dos soldados instalados em navios mercantes e de guerra. A operação era uma das esperanças dos aliados de reverter os resultados negativos nas frentes de luta no continente europeu. Mas a campanha, que começou dois dias depois daquela madrugada e durou nove meses, foi uma das maiores derrotas da Tríplice Entente, formada por Grã-Bretanha, França e Rússia. E um dos maiores banhos

de sangue de toda a guerra. Morreram ali mais 60 mil aliados e 90 mil turcos, além de milhares de feridos e desaparecidos.

A operação saiu da cabeça de Churchill, e sua estratégia, além dos objetivos militares, tinha, também, o viés psicológico, pois as populações inglesa e francesa estavam desapontadas com a estagnação da guerra no Front Ocidental. Há meses, a luta nas trincheiras rendia poucos frutos. Para Churchill, a ideia era abrir uma nova frente de combate com reais possibilidades de êxito para a Entente, o que elevaria o ânimo das tropas aliadas. Um ataque proveitoso contra a capital turca, Constantinopla, mataria dois coelhos com uma só cajadada: apressaria a derrota da Tríplice Aliança, e abriria um flanco de auxílio aos russos, que lutavam contra os comunistas.

Era o seu plano perfeito, que não deu certo. Churchill convenceu os seus relutantes colegas de gabinete a adotarem o audacioso projeto. Entretanto, os esforços dos navios de guerra britânicos e franceses foi em vão. Os

canhões krupp dispostos nos velhos fortes turcos, repletos de tijolos esburacados e minas recentemente colocadas, afundaram vários navios e danificaram outros tantos, muitos naufragados pelas minas, como o cruzador francês Bouvet, com a morte de 600 tripulantes. Agora situação ainda mais grave estava diante dele. Como faria para ter sucesso? O ataque a Downing Street e ao Parlamento, com o aprisionamento e eventual execução do rei e dos líderes do Reino Unido seria o seu fim? Estaria destinado ao definitivo patíbulo da história?

Churchill ainda não tinha completado um mês desde que assumira o comando do Governo. Sabia que não teria vida fácil no embate com Hitler. No mesmo dia em que foi empossado, as forças nazistas invadiram a França, driblaram a propalada linha Maginot,⁸ que se mostrou completamente ineficaz, e tomaram conta do país em pouco mais de duas semanas. Daria certo a estratégia alemã de encurralar a Inglaterra através da inusitada blitzkrieg⁹, dentro dos núcleos de poder britânicos?

De costas para ela, Churchill ajeitou o paletó no gancho e inspirou. O primeiro- ministro sentiu novamente a mesma solidão daquele período, a mesma estafa, o mesmo desejo de poder fazer algo para sua nação, para seu povo, para si mesmo.

Enfim, ele girou e olhou para Mary, com a xícara fumegante na mão. Havia compreensão em seus olhos.

⁸ Foi uma extensa linha de fortificações e de defesa construída pela França ao longo das fronteiras com a Alemanha e a Itália, após a Primeira Guerra Mundial. ⁹ Conhecida como ‘Guerra relâmpago’. Inovação militar e tecnológica introduzida pela Alemanha nazista.

- Sei porque você foi reprovada – disse, finalmente.

CAPÍTULO 5

John Colville

Westminster, Comando Britânico

Horário: 13:10hs

O EXÉRCITO ESTAVA PRONTO PARA ATACAR, ANUNCIOU O GENERAL Robert Gregory ao Secretário John Colville, na campana do bunker existente, na esquina

de Whitewall com a Downing Street. Colville olhou através da porta, cercada de sacos de terra, vigiada por um pelotão de soldados e com duas baterias antiaéreas em volta.

Na margem norte do rio Tâmbisa, e a um quilômetro de Charing Cross, Westminster reunia quase todas as mais importantes repartições do Governo britânico. Uma região com grande concentração de pontos históricos, como o Palácio de Buckingham e a Abadia de Westminster, bem como o Palácio de mesmo nome, reconstruído em meados do século XIX, depois do grande incêndio de 1834, e que abriga o Parlamento do Reino Unido, também conhecido como ‘Casas do Parlamento’.

O Parlamento. Um dos mais célebres edifícios do planeta, com suas mais de 1.000 salas, 100 escadarias e quase 5 quilômetros de corredores. Aparentemente seria impossível para um grupo terrorista apossar-se das suas instalações, mas, suas dimensões não constituíram problemas para os agentes nazistas e seus colaboradores ingleses. Na verdade, foi necessário basicamente o controle da Câmara dos Comuns e das principais vias de acesso e saída, além de alguns outros importantes compartimentos, como os caminhos para os subterrâneos, as salas de armas e das comunicações, e o gabinete de defesa.

As tropas do Exército controlavam parte do edifício e fecharam o círculo em torno da Chancelaria e da Câmara dos Comuns, avançando desde a Trafalgar Square para St. James Park Lake, e de lá para o Duke York Memorial, a Abadia de Westminster e o Palácio de Buckingham, com centenas de homens fortemente armados e prontos para a ação.

Inexistia sequer um prédio em volta sem um atirador de elite ou uma equipe antibombas. Nas ruas e praças, pelotões marchavam, enquanto dezenas de viaturas policiais e carros militares faziam barreiras. Dois tanques foram colocados na saída de Westminster Bridge, enquanto veículos da Scotland Yard, dos Bombeiros e do Grupamento de Ambulâncias foram estacionados nas proximidades. Lanchas policiais, repletas de agentes, cruzavam o Tâmbisa, completando o rigoroso aparato de segurança.

Apesar do enorme perigo, a multidão aglomerou-se em volta das pilhas de sacos de terra, e das cercas de arame farpado montadas pela Scotland Yard. Com cães, os policiais empurravam as pessoas e os jornalistas e fotógrafos do mundo inteiro, buscando manter íntegro o perímetro. Desde cedo havia muita gente em toda a zona. Homens e mulheres que se comprimiam nos delimitados espaços, em busca do melhor

ângulo para observar a saída do primeiro-ministro em direção ao Parlamento. O número se multiplicou após a notícia das invasões se espalhar, e a primeira grande confusão surgiu quando um grupo de simpatizantes nazistas esticou uma grande faixa com a suástica, e bloqueou a pista diante do Big Ben. Eram cerca de cem pessoas, que gritavam e faziam gestos exatamente como nos comícios de Hitler.

Um grupo contrário se aproximou e o choque foi inevitável, apesar dos esforços da polícia e dos bombeiros. Dois homens foram esfaqueados, e outros dois foram empurrados para fora da área pelos manifestantes, que gritavam palavras de apoio a Hitler, e exigiam que a Inglaterra declarasse a rendição, enquanto a imensa maioria clamava pela libertação imediata do rei George VI, junto com todos os membros do Parlamento, e gritava o nome de Winston Churchill.

A Scotland Yard rasgou a faixa com a suástica, enquanto os bombeiros atiravam jatos de água, dispersando os conflitantes. Feito isso, a outra parte da multidão se reagrupou decidida a não arredar pé até que tudo fosse resolvido. Muitos gritavam que a Inglaterra não era a França, e que Hitler deveria ser enforcado ou queimado vivo em praça pública. Havia, também, quem bradasse pela presença imediata dos Estados Unidos, com bandeiras norte-americanas em volta dos seus corpos; e alguns mais nervosos, que instigavam outros tantos a

atirarem pedras e objetos contra a Câmara dos Comuns, embora, em razão da distância, nada pudesse sequer arranhar suas seculares paredes.

O boato sobre o desaparecimento de Churchill, provocou comentários de todos os tipos. Havia quem afirmasse que ele era refém dos alemães, ou que talvez estivesse morto – o que era uma realidade terrível a ser encarada; como, também, existia quem dizia ter visto Churchill caminhando para o veículo oficial, perto do Palácio de Buckingham, seguido por blindados militares com o alto escalão das Forças Armadas.

As nuvens estavam tão carregadas como nos dias anteriores, com um sol pálido. Dez aviões, um ao lado do outro, fizeram rasantes acima da Westminster Bridge. Eram Spitfires novinhos, da RAF, a Real Força Aérea, com os seus característicos círculos concêntricos, pintados nas asas, no exato instante em que as sirenes silenciaram pela primeira vez desde o início dos acontecimentos.

Passava das treze horas, e a desinformação era completa. Tudo era desconhecido e não saía do campo do achismo, do ouvi dizer e do não sei o que vai acontecer nas

próximas horas. Ninguém podia sair ou entrar em Downing Street ou no Parlamento, cujo contorno constituía o maior espaço desaglomerado.

John Colville recebeu os negociadores do Exército e sacudiu a cabeça para o general Robert Gregory. Perto dele, quietos e com os braços cruzados, estavam o presidente da Suprema Corte, políticos, diplomatas, vários chefes militares, líderes do Clero e da indústria britânica, e representantes da Família Real. O Secretário Particular de Churchill caminhou em círculos. Não era a hora de dar a ordem para a retomada dos imóveis.

Havia os reféns. A tensão das multidões. E o mais grave: o primeiro-ministro estava desaparecido e ele temia que Churchill tivesse morrido na tentativa de deixar Downing Street, com os agentes que Colville tinha designado para protegê-lo, inclusive Mary Prichard, pessoa que o Secretário tinha razões de sobra para ter absoluta confiança, e quem, mesmo não aprovada pelo MI6, desejava ter sempre próxima do seu velho amigo. Seu coração dizia que ele estava vivo, decerto escondido, mas fora do alcance dos agentes alemães, que ainda estavam no interior da Chancelaria. Acreditou, enfim, que podia esperar mais um pouco, até porque o prazo de Hitler era até o fim daquela tarde.

No entanto, ele pensou, e quanto ao rei e os deputados? O que deveria ser feito? Àquela altura, já tinham avisado o irmão mais velho do rei George VI, Eduardo, o Duque de Windsor, que estava em New York, nos Estados Unidos. Ele, ao saber, avisou que retornaria imediatamente para a Inglaterra. O almirante Theodore Frankum, conselheiro do Almirantado, aproximou-se com ar preocupado, e bateu no ombro de Colville, tragando com força o último pedaço de mais um cigarro, olhando dele para os representantes da Commonwealth e da Igreja, em pé ao lado.

John Colville esfregou um lábio contra o outro, após beber água, e perguntou:

- Opções, senhores?

- Precisamos saber notícias do primeiro-ministro, para resgatá-lo. Também, sugiro que desloquemos esse comando para o abrigo debaixo do Parlamento, pois nada impede que a Luftwaffe proceda um ataque a qualquer instante. Existem centenas de seus aviões nesse exato momento sobrevoando Dunquerque, e o perigo é real – disse o general John Dill¹⁰, com a expressão apreensiva.

10 John Dill foi Chefe do Estado-Maior Geral Imperial, e, por conseguinte, o oficial de posição mais elevada do Exército britânico.

- O Reino Unido não se renderá a Hitler. Esse tipo de pressão é inaceitável – avisou o almirante Theodore Frankum, junto da mesa com os telefones.

Colville balançou a cabeça e disse:

- Há o risco de cumprirem a ameaça. Como a opinião pública reagiria? Como o mundo reagiria? Teremos seu apoio, após lavarmos as mãos e permitirmos os assassinatos do rei e dos parlamentares?

- A França sucumbiu em menos de um mês. Estamos fora da Europa agora que tudo no continente pertence a Hitler e Mussolini. O Eixo parece invencível. E não vejo perspectivas de apoio imediato dos Estados Unidos – disse o industrial Jack Herbert.

Jack Herbert olhou em volta e continuou:

- Estive com o embaixador Kennedy e ele garantiu que não há nenhuma posição oficial ainda, e que Roosevelt anda temeroso em meter os Estados Unidos em outra guerra.

Todos olharam para ele, cada qual com um ar de interrogação diferente nos rostos. Ele completou:

- Stalin fez bem em firmar o acordo com Hitler. Agora consegue respirar sem o peso das batalhas. Podemos fazer o mesmo e manter nossa integridade e consistência territorial.

- Acho que devemos negociar diretamente com o staff de Hitler, e não aguardar por Churchill, que nem sabemos se sobreviveu. Afinal, está claro que, com esse movimento, Hitler não deseja fazer a guerra conosco. Lembrem-se que ele permitiu que nossos soldados escapassem por Dunquerque – argumentou o deputado conservador Joseph Nitt.

- Não sei. Churchill não pensaria assim – respondeu Colville.

O almirante olhou enfezado para o deputado e para Jack Herbert, e ralhou:

- Permitiu? Desde quando ele permitiu? Negociar? Negociar significa rendição!

- Podemos negociar nossa neutralidade – ponderou Nitt.

- Concordo – assentiu Herbert, sentindo-se prestigiado por outro membro do gabinete.

Theodore Frankum parecia prestes a saltar sobre os dois. Suas vistas arregalaram e trocou olhares com os outros militares, antes de responder:

- Vocês perderam o juízo? Querem nos arremessar no lixo da história, junto com a escória nazista?

Joseph Nitt mudou o rumo da conversa:

- Como ficará o trono? A descendente direta assumirá? Será oportuno ter uma menor à frente da Monarquia num momento como esse?

Sua observação provocou um desconforto com os representantes da Família Real.

- A linha sucessória é clara, caso aconteça algo com o rei, ele tem sucessores legais – respondeu David Tillman, o Auxiliar de Ordens do Secretário Colville.

- O rei está vivo! Nazista algum ousará matá-lo diante de milhares de britânicos – afirmou William Prescott, embaixador do Canadá, com as sobranceiras erçadas.

- Para que forçarmos as proteções das nossas costas, perdendo tempo em Dover e no canal da Mancha, se eles já estão aqui, infiltrados em nosso incompetente Serviço Secreto? Absurdo! – Herbert disse.

O Secretário abriu os braços e caminhou entre eles. A discussão tomava rumos desagradáveis. Não desejava, de maneira alguma, que a Inglaterra capitulasse como ocorrera com a Dinamarca, que em 9 de abril daquele ano foi invadida tão passivamente, que as tropas de Hitler pareciam estar num piquenique na península da Jutlândia dinamarquesa, após um passeio pelo Mar do Norte. A população não suportaria, e tampouco seria como os resistentes dinamarqueses, que se limitavam a elaborar jornais clandestinos para enviá-los ao mundo, pelos aviões que partiam de Copenhague para Estocolmo, na Suécia. Também não admitiria uma debandada como a ocorrida na França, onde o povo, de uma hora para outra, viu a nação se desintegrar e ser subjugada sem muita resistência. Os britânicos não reagiriam bem se vissem os aviões da RAF serem substituídos pelos Messerschmitt Bf109 ou os ágeis Junker da Luftwaffe. Seria impossível, para qualquer cidadão, sem luta, simplesmente crer que qualquer navio da Marinha Real fosse obrigado a arriar a bandeira britânica para hastear a do Terceiro Reich.

Colville olhou para baixo e passou a mão na pistola de oito tiros Panther TPK, que retirou da gaveta da escrivaninha, minutos antes de deixar sua residência. Reconhecia a audácia do líder alemão, sem deixar de ficar surpreso com a ineficiência do Serviço Secreto, incapaz de identificar ação tão atrevida. Ao saber do golpe, foi

informado pela Scotland Yard sobre o aparecimento dos corpos de trinta policiais, enfermeiras, bombeiros e outros dez agentes do Serviço Secreto, dentro de sacos jogados em Chelmsford, na madrugada; todos lotados no Parlamento e em Downing Street, e que teriam expediente naquele dia, mas foram subitamente substituídos por alguém de dentro do Gabinete de Defesa.

John Colville estava ávido para descobrir quem fornecia suporte aos nazistas.

- Ainda existe tempo, senhores. Precisamos ter calma nesse momento difícil – disse ele. – Vamos localizar Churchill. Já ordenei uma equipe de resgate.

- Seria recomendável retomarmos Downing Street. Bem melhor do que invadir o Parlamento. Meus homens estão a postos, basta a ordem – disse o general Robert Gregory.

Sob o implacável rumor que vinha da multidão, Colville esfregou o queixo e olhou para ele pensativo. Foi, então, que alguém apresentou outra opção.

Era Peter Flynt, do MI6, assessor do Gabinete de Defesa, especialmente convocado para aquela reunião pelo Auxiliar de Ordens de John Colville.

CAPÍTULO 6

Os exilados

Subterrâneos de Westminster

Horário: 13:23hs

ELE ERGUEU O CORPO E ENCAROU OS DEMAIS, QUE ESTAVAM QUIETOS, com os braços cruzados e atentos. Seu nome era Henrique Prass. Era brasileiro, branco, e mais alto do que os demais. Assim como todos os que o observavam, era mais um fugitivo do Estado Novo de Getúlio Vargas. Ele caminhou com o embrulho debaixo do braço e parou quando atingiu a mesa improvisada. Estava no centro de um grande labirinto de tuneis e vias, por onde circulavam os esgotos da cidade. Nas paredes, havia archotes que queimavam com sobras de madeira. A iluminação do lugar lembrava masmorras medievais e revelava restos de fogueiras, malas, sacos com roupas, e painéis empilhados sobre sacos de areia, e extensos pedaços de madeiras e papelão, usados como camas. Em seguida, ele abriu o enorme rolo de papel, guardou os barbantes no bolso e exibiu o mapa de Londres.

Recordou-se das perseguições do Estado Novo, e de como se aproximou de antigos adversários, agora seus companheiros no exílio. Lembrou-se da fuga do Brasil, dentro de containers cheios de café e embarcados num cargueiro para a Europa, debaixo dos narizes da polícia getulista, e da maneira como encontraram abrigo numa parte esquecida das galerias subterrâneas de Londres.

Chegaram na cidade, vindos de Canterbury, e vagaram por vários dias, com o sempre presente temor de prisão. Ele e mais alguns falavam o inglês fluente e, dessa forma, conseguiram emprego em armazéns e fazendas suburbanas, até que resolveram apostar na capital, onde existiam contatos dispostos a contribuir com documentos falsos, armas, acomodações e dinheiro. Inicialmente deu certo, mas após uma batida policial, tornaram a fugir, seguindo para as galerias, onde, quase por acaso, descobriram um antigo acesso, através de uma passagem coberta por escombros, que abriu para eles a oportunidade de dispor de um esconderijo minimamente seguro.

- Parece que nossa sina será fugir, Benedito – disse com os olhos no homem negro e alto que se aproximava.

Após Benedito, que estava soturno, outros se aproximaram, e logo o círculo fechou envolta dele. Henrique trocou alguns olhares, inclinou-se sobre o mapa e continuou:

- Curioso o destino, não é mesmo? Tão estranhos e tão próximos nós somos. Quem jamais imaginaria um dia juntar integralistas¹¹ e comunistas, fugitivos da ditadura getulista, colocá-los num barco no litoral paulista e enviá-los para a Inglaterra, onde permaneceriam meses em esquecidos tuneis desses subterrâneos?

Sua observação produziu pouco mais do que ligeiros risos. Benedito cruzou os braços, olhou para o homem sardento que estava ao lado e disse:

- O que você acha, Paulo?

- Que talvez Henrique tenha razão. Melhor mudarmos de ares. Além disso, a agitação das ruas recomenda essa mudança.

- Mais dia, menos dia, alguém passaria por esse setor dos esgotos. Eles estão em guerra, mas o país não está parado. Não duvido que logo muitos deles venham morar aqui embaixo para fugirem dos bombardeiros alemães – disse Benedito.

- Demorou menos do que eu esperava – disse Paulo – Tudo parecia tão abandonado, como se fizessem dois séculos desde que o último ser humano tivesse passado por aqui.

- Aqui é muito conveniente, sem dúvida – disse Benedito.

- Principalmente após Henrique descobrir como entrar no Parlamento e furtar viveres. Não faço ideia de como até hoje não foi descoberto – observou Paulo.

- Depois da grade de ferro e das escaladas, a passagem segue entre uma sequência de paredes e pisos duplos, por onde escorrem os esgotos. Imagino que isso date de séculos, e os ingleses esqueceram ou não deram importância – disse Henrique.

- Não é porque são ingleses que conhecem todos os buracos da cidade – concordou Paulo, notando a expressão carregada do robusto negro.

Benedito estava com uma cara concentrada ao voltar-se para Henrique.

- Eu não tive culpa – desculpou-se Henrique, com a recordação na mente do rosto da mulher que o perseguiu. – Sai por um minuto e em seguida ela já estava em cima de mim.

Um homem pequeno, com óculos redondos, tomou a palavra:

11 Integralismo foi uma doutrina política de inspiração ultraconservadora no início do século XX.

- Sempre afirmei que era uma ideia idiota vir para a Europa. Por que não fomos para o Uruguai ou para a Bolívia?

Benedito balançou a cabeça.

- Por que os investigadores de Vargas já nos esperavam lá, Carlos. Você queria ser alvo de Filinto Müller¹²? Quantas vezes teremos que explicar isso?

- Sempre repete isso – afirmou Stella, uma mulher de cabelos longos e olhos astutos, sentada num barril junto de Benedito.

Henrique pediu calma:

- Não podemos perder tempo. Sabemos que não havia outra opção. Ou embarcávamos em Santos no navio escocês, ou morreríamos. Getúlio não quer integralistas perto dele, e muito menos os comunistas. Aqui somos apenas exilados, dispostos a sobreviver até o regime dele desabar.

Benedito olhou em volta e lembrou-se dos fatos ocorridos três anos antes. Era 30 de setembro de 1937. Enquanto eram aguardadas as eleições presidenciais marcadas para janeiro de 1938, foi denunciada a existência de um suposto plano comunista para tomada do poder. Esse plano ficou conhecido como Plano Cohen, que serviu de esteio para Getúlio Vargas impor a ditadura. No dia 10 de novembro de 1937, Vargas fez um pronunciamento determinando o fechamento do Congresso Nacional, e outorgou uma nova Constituição, conhecida por Polaca, com amplos poderes ao Executivo e aos Interventores nomeados para os estados. Em seguida, os partidos políticos foram extintos. Inclusive o Comunista, de Benedito.

O gigante negro estava com o semblante carregado, quando olhou para Henrique:

- Éramos comunistas e integralistas; agora somos um bando de ciganos.

Carlos discordou:

- Permaneço comunista.

Paulo ergueu o braço e falou afirmativamente:

- Sou integralista.

12 Foi um dos chefes da Polícia Política de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, a partir de 1937.

- Vá para a Espanha, para Portugal ou para a Itália. Só não pise na Alemanha, pois, sua cor, tão negra quanto a minha, o denunciará antes mesmo que declame seu amor pela extrema-direita, Paulo – disse Benedito rindo.

Henrique Prass os observou, e percorreu todo o grupo. Era a primeira vez que Benedito sorria em dias. Ele cruzou os braços outra vez e pensou como aquele era mesmo um curioso agrupamento de desterrados, que jamais perderiam a fleuma, a união e o estado de espírito.

Lembrou-se da mulher das galerias de duas noites atrás. Aquele rosto bonito estava fixado na sua mente. Seria capaz de afirmar ter gostado do golpe no braço. No entanto, tinha coisas mais importantes no momento, e logo ela seria somente uma sombra, mais uma imagem para esquecer.

Henrique, depois, olhou para as gaiolas cheias de morcegos e ratos, que eles usavam para afastar visitantes indesejados, e ergueu as sobranceiras.

- Vamos, amigos. Hora de vasculhar esse mapa e ver o nosso próximo destino – disse, repetindo mentalmente algumas vezes a palavra ‘destino’, como se dessa forma ele pudesse se materializar.

APÓS A REUNIÃO, HENRIQUE SEGUIU COM BENEDITO, CARLOS, PAULO, Stela e outros dois até a passagem que levava às galerias do Parlamento. O acesso era por meio dos escombros e entulhos, onde a água escura escorria como cascata. Eles usaram tampas de madeira para sobre as cabeças para evitar o banho, enquanto escorregavam rentes às paredes, pisando em ratos e musgos. Ao alcançarem a via, eles caminharam com os pés dentro do córrego por um tempo, com archotes improvisados para iluminar o caminho. Pararam diante de um portão de barras grossas e enferrujadas.

Stela assustou-se ao pisar nos pedaços de crânios e ossos humanos espalhados em volta.

- Sempre que venho aqui tenha a sensação de estarmos em masmorras ou algo parecido. Sinto o cheiro de morte aqui – disse.

- Não são masmorras. Olhe para isso. São duas paredes altas que seguem paralelas por dezenas de metros para desembocarem nesse lamaçal circular – respondeu Henrique, com o archote voltado para o lado.

Benedito estava com os olhos muito abertos:

- Esse lugar deve ter uns quatrocentos anos – disse.

- Concordo – assentiu Carlos, girando.

Henrique abriu os braços para tocar nas duas paredes paralelas. A da esquerda tinha sulcos e saliências. Ele enfiou o pé numa reentrância e apoiou a mão esquerda mais acima, iniciando a escalada. Os demais fizeram o mesmo, exceto Benedito, Paulo e mais dois, que por não entenderem bem o inglês, geralmente permaneciam na retaguarda.

- Não demorem – disse.

- Medo de espíritos? – brincou Carlos, mexendo nos óculos.

Benedito parecia ainda maior perto dele quando lhe mostrou o revólver:

- Com isso aqui eu faço qualquer tipo de exorcismo – rebateu.

O pequeno grupo alcançou a parte elevada e seguiu por um extenso vão escuro e menos encharcado, caminhando até outra parede. Stela colou os ouvidos nela e sentiu a vibração que vinha do outro lado. Henrique, que era engenheiro, explicou aquilo que os outros já tinham ouvido nas vezes anteriores que estiveram ali com ele:

- As linhas do metrô reverberam nesse espaço aberto, criando essas vibrações. Não significa que estejam perto.

- O metrô é muito antigo – disse Stela.

- Do século XIX – confirmou Henrique.

Ele bateu as mãos no paredão e continuou:

- Os primeiros túneis foram feitos, utilizando o método de construção cortar e tapar. Isso causou uma perturbação generalizada e levou à demolição de muitas propriedades.

- Talvez por isso existam tantas galerias abandonadas e recobertas com escombros – disse Stela.

- Sim. Explica a existência de poços como os de lá de baixo, e espaços amplos e vazios como esse, aparentemente sem nenhum tipo de utilidade. Na verdade, como os primeiros comboios eram extremamente poluentes, e faziam muito fumo, era necessária a instalação de vários poços de concreto para ventilação em diversos pontos das linhas.

Ele olhou para cima. Havia uma sequência de degraus de metal presos na parede. Ele ajudou os outros dois, e depois agarrou o primeiro aro, iniciando a subida, que se estendeu até um túnel cerca de quarenta metros acima. Dali, correram até a saída, e desembocaram num espaço apertado, diante de outra parede, que tinha uma comprida escada com degraus de pedra. Havia uma grande tampa no topo, de onde vinha alguma claridade, e foi para lá que seguiram. Quando a abriram, encontraram novo ambiente, com pouca altura, iluminado parcialmente por frestas nos tijolos.

Estavam no Parlamento inglês, entre paredes duplas construídas há centenas de anos, e que serviram como rotas para fugas. Henrique escorregou para à direita e os outros foram atrás. Mal dava para deslizar o próprio corpo. Havia muito pó, terra e pedaços de madeira bastante antiga.

- Impossível crer que os ingleses não saibam disso aqui – tossiu Stela, logo atrás de Henrique, que respondeu:

- Eles sabem, não tenha dúvida. Mas, quem mais usaria isso aqui como meio para fugir?

Ele ergueu a cabeça, mexeu em algo metálico e sussurrou:

- Não somos ratos, mas estamos debaixo do piso do subsolo do Palácio de Westminster.

- Sinto-me um lorde – gracejou Carlos, em referência à Câmara dos Lordes, existente no edifício, junto com a Câmara dos Comuns.

Henrique pediu silêncio. Depois de alguns segundos, ergueu a tampa, saiu do vão e entrou num espaço maior, onde podia ficar em pé, junto da parede e de um mobiliário antigo, alto e extenso. Com os outros, deslizou por muito metros, encontrando um armário, com fundo aberto e repleto de sacos. Afastou um deles e mirou um par de

homens armados, parado diante da porta. Ele estimou a distância até os homens em uns quinze metros. Um deles fumava e falava inglês com sotaque. Henrique compreendeu que era alemão.

- Consegue compreender o que falam? – Carlos indagou.

- Stela, sua vez – disse Henrique.

Ela espichou o pescoço e ficou quieta. Stela era poliglota, morou na Alemanha e tinha outra vantagem: fazia leitura labial. Após alguns minutos, ela colou as costas na parede, como se fizesse parte dela. Estava terrivelmente assustada.

- É bem pior do que imaginávamos – murmurou.

- Diga logo – disse Carlos.

Henrique aguçou o olhar:

- Conte – disse.

- Vamos sair daqui – ela pediu.

Ele achou que estava certa, e deslocou-se com ela e Carlos. Afastaram-se sem ruídos e pararam antes do vão.

- Estão com o rei e os deputados na Câmara dos Comuns – disse Stela.

- Isso eu entendi. O que mais?

- Tomaram a residência do primeiro-ministro. Começarão a matar, se não for aceita a proposta de Hitler.

Henrique olhou para o vão e perguntou:

- E qual é?

- A rendição da Inglaterra.

- Já tínhamos ouvido sobre isso também – sussurrou Carlos.

Stela estava louca para descer ao vão, e disse, segurando o braço dele com força:

- Vão atrás de Churchill pelas galerias.

Henrique e Carlos trocaram olhares, ela os olhou profundamente, inspirou com força, o que fez seus seios subirem e descerem. Ela olhou para cada um deles. Seu tom de voz quase denunciou o grupo, quando disse diretamente:

- Se descobrirem o acesso à nossa galeria estaremos em perigo!

PARTE DOIS

“Almas boas e sinistras”

CAPÍTULO 7

Anita Walken

Londres

Horário: 13:48hs

ENQUANTO A SUA VIATURA ULTRAPASSAVA AS BARREIRAS MILITARES sem enfrentar objeções, Anita Walken relaxava um pouco, após ter passado o volante, recordando-se da época em que conhecera Oliver. Quando embarcou em Oslo para a Alemanha, ela já falava fluentemente o alemão, e estava decidida a tentar a vida num país, cuja economia parecia reagir cem vezes mais velozmente do que em qualquer outra parte do mundo. Além disso, queria ampliar a distância do seu pai, buscando esquecer completamente o passado sem graça, glória e conforto, que jamais encontrou nem na sua terra natal, nem na Noruega.

Ela sorriu. Era um dia quente em Hamburgo, e ela fora vigiada o dia inteiro por uma equipe policial, encarregada a ficar de olho nos ingleses que imigravam para a Alemanha. Mesmo durante os Jogos Olímpicos, qualquer pessoa de origem britânica era considerada suspeita, e a Polícia local tinha o dever de verificar, e, caso mínima suspeição fosse confirmada, deter o suspeito e encaminhá-lo para a seção regional da Gestapo, onde seria interrogado, na maioria das vezes sob tortura.

Ela usava um perfume leve e floral, e fingia ler o jornal do dia à procura de trabalho (seu dinheiro estava para terminar), observando o casal que não desgrudava o olhar de cima dela.

O homem era bonito e a mulher parecia sua irmã. Anita o achou charmoso e por um instante sedutor. Policiais, militares e homens fardados em geral a atraíam. Ela imaginou-se com ele, no lugar da mulher, e como aquela fragrância se desprenderia de sua pele quente quando tirasse sua blusa, saia e calcinha.

Anita deu uma risada disso e de como fez para se livrar dos dois.

Ela pedalara até Kitleburg, uma vila ao sul da cidade, cheia de colinas e campinas, onde existiam ruínas de castelos e pontes medievais, e atravessou o antigo portão que

demarcava as terras de um antiquíssimo senhor feudal. O carro escuro da Polícia fora deixado pelo casal, que decidira segui-la usando a mesma forma de transporte. Acontece que fazia calor, e Anita era muito boa com bicicletas. Acrescente-se que usava roupas leves, enquanto os perseguidores estavam com vestimentas para a cidade.

Anita atravessou o gramado e esgueirou-se pelas ruínas. Ouviu a voz de um deles, compreendendo que não sabiam onde tinha se metido. O portão de acesso era pesado e demasiadamente exposto, de modo que ela preferiu dar uma volta para se aproximar por dentro do bosque. Dando uma olhada, ela percebeu que existia um trecho da grama bastante enlameado, pouco antes da curva da estrada por onde vinham os agentes.

Ela saltou na bicicleta e mostrou-se para eles, fingindo parecer surpresa. Deu a volta e pedalou com toda energia, distanciando-se. O casal não perdeu tempo. Devia ser mesmo uma espiã do Reino Unido sob o disfarce de uma singela mulher em busca de trabalho no Terceiro Reich, devem ter pensado. Assim que ela se aproximou do trecho perigoso, fez um desvio à direita e penetrou no bosque, cessando as pedaladas, com a bicicleta caída do lado.

O casal não contava com a lama, e perderam o controle sobre suas bicicletas, que deslizaram alguns metros, até chocarem-se num tronco. Os dois voaram uns três metros e caíram sobre uma poça de lama, que sujou suas roupas totalmente.

Anita gargalhou, pegou a bicicleta e retomou a marcha em direção à cidade. Entretanto, quando deixou o acesso do bosque, encontrou uma viatura parada. Diante dela, com as mãos nos bolsos, em pé com as pernas cruzadas e um binóculo à tiracolo, estava Oliver.

- Vejo que você se livrou dos meus agentes. Acompanhei tudo daqui – disse.

Ela brecou.

- Bom trabalho – ele disse.

Ele não parecia surpreso e nem chateado. Na verdade, ela afirmaria até que ele estava contente. Ela viu nos seus olhos algo que ainda não sabia decifrar, mas com certeza não tinha qualquer relação com ser presa ou expulsa do país.

- Fizemos juízo errado sobre você – ele continuou.

Anita desceu da bicicleta.

- O que quer de mim?

- Conversar, pode ser? Talvez tenha um bom emprego para você.

A ambulância parou junto do par de tanques blindados, postado perto da Westminster Bridge, e a trouxe de volta ao presente, após superar a última barreira. Anita olhou para o relógio e sorriu pela janela para o militar, que estava com parte do corpo para fora do cockpit do blindado modelo Matilda II A12, com canhão de 40mm.

Mesmo fora dos padrões para o Exército, face sua incomoda e saliente barriga, o sargento James Legolas, não encontrou dificuldade para virar-se e mirar a bela mulher que piscava para ele. Toda a tensão em volta não justificaria deixar de atender ao convite implícito.

Um grupo de soldados marchava perto dali e ela olhou diretamente para suas armas e seus uniformes. Talvez a maior recordação que tinha da mãe, era quando iam aos desfiles militares. Encantava-se com isso. Havia sempre a possibilidade de receber uma guloseima, um presente, ou mesmo sentar com ela em York Park ou em Garden Lee, perto do metrô em Kensington, para tomar chá, comer torradas com mel e ler as tiras com o HQ do Gato Félix¹³, desenhadas por Otto Messmer, na edição do Sunday Time.

Natalie, sua mãe, era uma mulher bem mais velha que seu pai, mas foi com ela que Anita viveu seus melhores dias na infância. Quando faleceu, apagou-se o brilho encantador que existia no olhar da jovem Anita, que cresceu solitária e sem amigos. Uma adolescência infeliz, com sonos preenchidos pelos pressentimentos ruins em relação ao pai, quando precisava travar a porta com uma cadeira junto do trinco. Por mais que ele se esquivasse do erro cometido, ela jamais o perdoaria. Nunca.

Por causa dele, tentou o suicídio cortando os pulsos. Foi salva pelos vizinhos quando já estava desacordada, deitada numa poça de sangue. O horror foi tamanho, que jurou a si mesma jamais fazer algo parecido, ainda que fosse extremamente necessário. Para piorar, teve que fazer sexo oral mensalmente, num homem mais velho, para ganhar dinheiro. Para fugir, o mais longe possível do pai. E tudo era culpa do seu pai. Era seu único parente. Mas, nem por isso sentia remorso por tê-lo matado.

13 originalmente editadas em jornais, entre os anos de 1924 a 1935, época em que suas aventuras foram criadas e atingiram imensa popularidade em todo mundo.

Ao recordar da tentativa de suicídio, um frêmito percorreu seu corpo, fazendo-a rever a expressão de Heinrich Himmler, quando ela fez o juramento no dia da sua admissão na operação. Assim como Oliver Mezingër, Hermann Von Larstey e todos os outros, Lady Morte jurou matar-se caso fracassassem. O projeto ‘olho da coruja’ tinha pontos claros para seus integrantes, e o principal era o de não cair vivo nas mãos do inimigo.

De maneira alguma.

Um desses inimigos acenou do blindado para ela, com um riso que achou patético. Ela sorriu tentando ser natural, mas, pensou, ele devia ser tão imbecil para não perceber.

- Deve ser duro manobrar um desse – ela começou. Fingiu interesse pelo blindado.

Enquanto Anita inclinava-se, permitindo mostrar, pela cava do uniforme, o volume dos seios, uma de suas parceiras deitou-se no solo, através do fundo falso da viatura, e arrastou-se por baixo do veículo, portando um explosivo com detonador, capaz de explodir o tanque e o outro ao lado.

James exibiu os dentes pequenos. Anita conseguiu escutar o comentário feito pelo parceiro dele, no interior do blindado, e riu.

- Seu amigo é tão bonito quanto você?

- Nem chega perto.
- Interessante.
- Há muito tempo nesse serviço?
- Antes fui bombeira.
- Bombeira?

Ele disfarçou um pensamento picante. Ela notou o retorno da agente para a ambulância.

- Nos vemos por aí – disse.
- Com certeza.

Estúpido, pensou, esperando que sua auxiliar tivesse feito corretamente o serviço.

A ambulância arrancou e avançou por Westminster, com James acompanhando com o olhar. Lady Morte inspirou e olhou para a incredulidade exposta nos rostos das pessoas em volta. Ela fez um gesto para seus parceiros, e eles verificaram os equipamentos.

Recordou-se outra vez do rosto de Oliver, e desejou, como nunca, que os dois superassem vivos o final da operação, para retornarem, e passarem o restante de suas vidas fazendo amor desmesurado, ali mesmo, entre as ruínas feudais de Hamburgo, e, quem sabe, em breve, voltar a participar dos fulguerosos encontros dos comícios anuais do partido, em Nuremberg.

CAPÍTULO 8

Hermann Von Larstey

Parlamento

Horário: 13:53hs

O CORONEL HERMANN VON LARSTEY ERA UM HOMEM LOIRO, MUITO alto, com profundos olhos azuis, cuja fixidez assustava. Ele caminhava pelo salão da Câmara dos Comuns, com o afiado olhar funcionando como um radar. Era de família tradicional da Baviera e fez carreira na Gestapo, onde trabalhou no setor de espionagem nos anos que antecederam ao conflito mundial.

Da Gestapo, o coronel foi transferido, a partir de 1937, para o time de elite das SS – Schutzstaffel, e foi designado para o esquadrão do Serviço Secreto e de Inteligência nazista, onde liderou as unidades de espionagem que, desde o início da guerra no ano anterior, deram provas cabais da competência de seus homens, como os mais eficientes e mais profissionais até mesmo do que os espões da Wehrmacht, o exército da Alemanha.

Sua indicação para a missão, aconteceu quando foi designado por Heinrich Himmler para a chefia do grupo especial da Juventude Hitlerista; e, como comandante do presídio de Bulkstein, em Berlim, ficou à frente da reunião final para seleção dos executores da futura operação ‘olho da coruja’ na Inglaterra.

A unidade do coronel Hermann Von Larstey, no Parlamento britânico, fazia parte do grupo de elite formado por elementos das SS, da Gestapo, do Serviço Secreto e dos núcleos da Juventude Hitlerista espalhados pela Europa, para pôr em movimento o programa, o projeto ‘olho da coruja’, cujos integrantes hibernavam há tempos em território britânico, treinados e infiltrados, vindos da Alemanha, da Suécia, da Noruega, da Dinamarca, da neutra Irlanda e quase a metade da própria Inglaterra.

Com o apoio de agentes infiltrados na Inteligência Britânica, a equipe do coronel não encontrou dificuldade para dominar a Câmara dos Comuns, e estava no seu interior, desde antes do meio-dia, com armas engatilhadas e apontadas para o rei e a cúpula

política do Reino Unido, aguardando o primeiro-ministro, que discursaria ali mesmo, durante a tarde.

- Dizem que o senhor foi à sacada do Palácio de Buckingham comemorar com o outro primeiro-ministro o sucesso da negociação de Munique, em 1938 – disse o coronel, andando em volta do rei George VI.

Ele deu um riso:

- Isso é verdadeiro?

O rei ficou quieto.

- Vamos, diga-me se foi mesmo verdade.

O nazista colocou uma das mãos no queixo e o observou.

- Mein Führer ria de Neville Chamberlain e do seu medo de nos enfrentar, majestade.

Depois da invasão, George VI foi colocado sentado, no centro do parlatório. O objetivo era mantê-lo o mais distante possível dos políticos. As portas e os acessos, estavam controlados, e explosivos com detonadores foram colocados em pontos estratégicos do edifício. O rei tinha as mãos amarradas para trás e seus olhos percorriam os rostos de cada um dos reféns, que estavam em silêncio, sentados nas cadeiras parlamentares.

Ali, conforme avaliou o coronel, ele estaria tão visível como um diamante.

Alberto Frederico Artur Jorge era o rei do Reino Unido e dos domínios da Commonwealth com o título de George VI. Como segundo filho de George V, não era esperado que herdasse o trono, o que fez com que passasse parte de sua vida sob a sombra da popularidade de seu irmão mais velho, Eduardo. Ele serviu à Marinha e à Real Força Aérea, durante a Primeira Guerra Mundial, sendo mencionado nos despachos por sua ação como oficial a bordo do navio Collingwood, durante a Batalha da Jutlândia, entre os meses de maio e junho

de 1916, um embate de resultados incertos com a esquadra alemã, e que constituiu a maior ação naval do conflito. Retomou seus compromissos políticos usuais após o término do conflito.

Ele sofria de problemas de saúde, inclusive problemas estomacais crônicos e dores nos joelhos, além disso, teve gagueira por muitos anos. Quando seu avô se tornou o rei

Eduardo VII, em 1901, ele passou a ser o terceiro na linha sucessória. Ascendeu ao trono, após a abdicação do irmão, Eduardo, que desistiu do reinado para casar-se com uma mulher divorciada, a norte-americana Wallis Simpson, espantando todo o Reino Unido, a Commonwealth e a Igreja.

George VI era casado com Isabel Bowes-Lyon e tinha duas filhas menores. Olhando para o rosto agudo do coronel, ele acreditou que tinha uma missão para cumprir em nome do povo, da nação, do Império, e da sua família, agradecendo internamente a Deus por essa oportunidade.

Apesar das provocações, o rei mantinha-se reto e seu rosto não demonstrava medo. Intimamente, lamentava mais pela situação da sua nação, do que por sua própria vida.

- Talvez o senhor queira me dizer que concorda com os termos do Führer – prosseguiu o coronel, ajeitando o grosso cinto.

Hermann Von Larstey retirou a pistola do coldre, e a aproximou do rosto de George VI, que olhou para os cadáveres dos seguranças da Câmara dos Comuns, estirados no piso.

- Temos tempo... ainda – disse o coronel.

Ele olhou em volta e se afastou um metro, antes de continuar:

- Devo avisar, entretanto, que dentro de pouco tempo, logo que for autorizado, ordenarei um tiro na cabeça de cada um daqueles homens elegantes, que não despregam seus olhos de nós.

O alemão cruzou e descruzou os braços, apontando a mão:

- Olhe para eles, estão tão assustados quanto passarinhos diante da raposa – disse.

Suas palavras arrancaram risos entre os agentes.

Em seguida, ele caminhou até a aparelhagem portátil de rádio, que seu pessoal tinha instalado na mesa de debates do salão. Aumentou o som e mexeu nos sistemas, estabilizando a sintonia. Depois, ordenou ao encarregado pela irradiação, que conectasse o aparelho com o mecanismo de som do Parlamento.

Uma vez ativado, o sistema foi interligado às tomadas que levariam o som para os autofalantes externos nas ruas e praças de Whitewall, e por Westminster. O coronel

abriu um grande sorriso, quando verificou que tudo corria perfeitamente. Olhou o relógio. Tornou a caminhar e parou junto do rei, colocando sua mão no ombro dele.

- Majestade, um pouco mais, e escutaremos um importante pronunciamento – disse.